



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES HUMANIDADE E LETRAS  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA

ROGÉRIO SANTANA DA SILVA

**ARTESANATO E TERRITÓRIO CRIATIVO:**  
O caso de Maragogipinho - BA.

Cachoeira – BA

2019

**ROGÉRIO SANTANA DA SILVA**

**ARTESANATO E TERRITÓRIO CRIATIVO:  
O caso de Maragogipinho - BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito para a obtenção de grau como Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: **Prof. Dr. Jorge Antonio Santos Silva.**

**ROGÉRIO SANTANA DA SILVA**

**Artesanato e território criativo: o caso de Maragogipinho - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2019.

**Siéla Barreto Brito**

Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**Lys Maria Vinhaes Dantas**

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**Jorge Antônio Santos Silva**

Professor Orientador  
Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso (TCC) exigiu-me muito além do que imaginava. Foi um árduo processo superar dificuldades e obstáculos, os quais me levaram a persistir na determinação ao alcance desta meta, que não seria possível sem o apoio contínuo por parte daqueles que direta ou indiretamente acreditaram em mim. Perante esses incentivos e contribuições gostaria de prestar agradecimentos especiais:

Em primeiro à Deus, pela concepção da vida, por ser o maior dos oleiros, “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis 2:7).

Aos meus filhos Roger, Arthur e Yuri, pelo motivo de serem vocês as maiores fontes de minha inspiração.

À minha Mãe Marlene Santana, pelo seu amor, dedicação e exemplo de vida. À meu pai Fernando José da Silva (in memoriam).

A meus irmãos Rossiny e Fernando, irmãs Fabíola, Tanucha e, mais que especial, à irmã Mãe Ysnarkaio (Kió), que desde a inscrição para prova seletiva desse curso até a confecção desta monografia, foi quem mais motivou e ajudou na conquista deste sonho.

A todos os Sobrinhos (as), em especial Síria, por me socorrer nos momentos mais difíceis.

Ao Professor e orientador Dr. Jorge Antonio Santos Silva, pelo profundo conhecimento, sabedoria e paciência na condução da elaboração deste trabalho.

A todos os professores do curso de Gestão Pública, pelo aprendizado adquirido ao longo da graduação.

Aos meus colegas de curso, que se tornaram amigos e companheiros de batalha.

Por fim, a todos os amigos (as), que viveram juntos e mentalizaram positivamente para realização de mais esta etapa em minha vida.

Até mesmo aqueles que tentaram atrapalhar, criticaram e mal disseram “depois de velho, não sei o que vai fazer na universidade!”. O meu muito obrigado pelo incentivo!

SILVA, Rogério Santana da. **Artesanato e território criativo: O caso de Maragogipinho – BA.** 2019. 46p. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

## RESUMO

Um dos maiores centros de produção de cerâmica artesanal da Bahia, Maragogipinho, no Recôncavo, possui riquezas culturais nos diversos tipos de artesanatos, crenças e costumes, constituindo a base do desenvolvimento turístico e socioeconômico local. Como objetivo geral, este trabalho propõe analisar o artesanato como fator de formação e caracterização de Maragogipinho como um “território criativo”, por ser o artesanato um dos setores da economia criativa, estimulador do desenvolvimento local e regional. Visando respaldar esse trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e análise documental de obras célebres, bem como materiais/dados e informações em geral, recorrendo a sítios eletrônicos por meio da internet. Atualmente, o artesanato brasileiro tem reconhecimento por ser um dos mais ricos do mundo. Com início na tradição histórica dos oleiros, o saber-fazer artesanal propicia valor imaterial ao produto, passado de geração para geração e transmitido pela oralidade. Autores enfatizam conceitos como a Economia Criativa como um modelo de desenvolvimento que valoriza aspectos socioeconômicos e culturais, com base no reconhecimento da criatividade, o que propicia desenvolvimento regional. Diante deste potencial, essa região apresenta produtos e serviços, cujas qualidades e peculiaridades podem ser atribuídas à sua origem e fatores geográficos locais, sendo as Indicações Geográficas (IGs) uma ferramenta que assegura essa procedência. Sendo assim, Maragogipinho se encontra a caminho de viabilizar-se como IG, fornecendo ao artesanato local a validação da qualidade/originalidade dessas mercadorias que atuam como propulsores de seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento tem por estratégia a indução de educação, saúde e direitos, que devem ser priorizados como forma de melhorar a qualidade de vida da população. Em resumo, foi possível observar a significação do artesanato na identidade do Maragogipinho, que se constitui como território criativo que se destaca pela produção ceramista dos oleiros, mestres artesãos e sua comunidade, para maior desenvolvimento da cultura da cerâmica e do artesanato na região. São necessários mais investimentos, associados à criação de políticas de desenvolvimento integrado que contribuam para manutenção das tradições e o desenvolvimento regional. Dessa forma, o desenvolvimento alcançado tornará possível a redução das desigualdades sociais, a partir do momento em que a preservação da arte e sua comercialização proporcionem melhores oportunidades à comunidade e ainda resguardem suas tradições culturais.

Palavras-chave: Artesanato, Territórios criativos, Desenvolvimento, Maragogipinho/Ba.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Divisão Política, Limites de Aratuípe-Ba. ....	27
Figura 2 – Mapa de Localização da área de estudos, acesso à Maragogipinho-Ba.....	28
Figura 3 – Formação Administrativa de Aratuípe-Ba/Maragogipinho.....	30

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMOM	Associação de Auxílio Mútuo dos Oleiros de Maragogipinho
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BPEB	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
CAHL	Centro de Artes Humanidades e Letras
DO	Denominação de Origem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituições de Ensino Superior
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
IP	Indicação de Procedência
MinC	Ministério da Cultura
OMPI	Organização Mundial da Propriedade Intelectual
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PIB	Produto Interno Bruto
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEC/Minc	Secretaria da Economia Criativa / Ministério da Cultura
SEI-BA	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SIPROAR	Sistema de Proteção ao Artesanato
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	09
2	Artesanato: caminhada histórica e conceitual .....	13
2.1	Artesanato - Abordagem histórica .....	13
2.2	Artesanato - Abordagem conceitual .....	15
2.3	Conceitos da Economia Criativa .....	16
2.3.1	Economia Criativa .....	16
2.3.2	Cidades criativas .....	19
2.3.3	Territórios criativos .....	20
2.3.4	Clusters criativos .....	21
3	O Artesanato de Maragogipinho – Ba .....	23
3.1	Características de Maragogipinho – Ba .....	23
3.2	Contexto geográfico de Maragogipinho – Ba. ....	25
3.3	Contexto histórico-cultural: Primórdios do artesanato de Maragogipinho – Ba .....	27
3.4	Contexto social e econômico .....	31
4	Maragogipinho – Ba como “Território Criativo” .....	35
4.1	O artesanato e o desenvolvimento em Maragogipinho – Ba .....	35
4.2	Indicação Geográfica e o desenvolvimento em Maragogipinho – Ba.....	36
5	Considerações finais.....	40
	Referências Bibliográficas.....	43
	Endereços Eletrônicos .....	45

## 1. INTRODUÇÃO

A procura por melhor qualidade de vida está ligada aos determinantes de capacitação e formação dos aprendizados populares, nos quais se revelam novos talentos das tradições culturais, crenças e costumes locais, estimulados pelos referenciais teóricos e conceituais. Neste sentido, são valiosos os ensinamentos dos mestres artesãos, verdadeiros detentores do dom e do conhecimento, além das tradicionais técnicas empregadas em sua prática de domínio manual, em que se utiliza de alguns instrumentos próprios para suas práticas artesanais, também definidas como “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea” (PEREIRA, 1979, p.21).

Essa análise considera a importância do artesanato popular e da criatividade para o desenvolvimento das famílias e, conseqüentemente, para o progresso local e regional. O conhecimento tradicional local, associado às novas tecnologias, reforça e valoriza o desenvolvimento regional, pois, assim, ultrapassam as barreiras das limitações, visibilizando a cultura local. Nesse sentido, potencializa a atividade da comunidade local, que se vê inserida num cenário integrado ao processo crescente do desenvolvimento tecnológico contemporâneo.

Assim, como em qualquer comércio rentável, é notório que no artesanato popular, quanto mais valorização por meio de incentivos intelectuais e financeiros, os artistas têm mais oportunidades para ampliar o progresso local.

A contemporaneidade caracteriza-se por mudanças rápidas e profundas nas arenas econômica, política, social e tecnológica. Muitas destas mudanças atuam fortemente sobre as organizações culturais, exigindo maior agilidade e capacidade de resposta do indivíduo ao contexto, através das riquezas culturais da região.

Esse cenário oportuniza aos nativos permanecerem em suas localidades exercendo atividades laborativas, com retorno financeiro satisfatório para atender suas necessidades particulares e coletivas. Nesse sentido, estas questões propulsoras da realidade atual levam em consideração a arte popular como determinante das esferas econômicas, administrativas e socioeducativas. Buscando-se, assim, compreender as participações do indivíduo como inovador e, ao mesmo tempo, como elemento tradicional de uma conjuntura que reafirma a base para sua sobrevivência.

Torna-se necessário compreender a diversidade do processo de globalização<sup>1</sup>, enquanto fator exógeno que impulsiona resistência das culturas populares a fim de preservar suas origens e identidade. Sendo assim, no processo de desenvolvimento local, cabe ao indivíduo vivenciar, em particular, o artesanato local na perspectiva da sustentabilidade cultural, considerando a vertente da geração de emprego, renda e comércios populares.

[...] O fabuloso é que nesse contexto a cultura popular é vista como um extraordinário fenômeno de pesquisa. A valorização da cultura popular para as culturas populares está inserida no imaginário social, que por sua vez são resgatados nas representações sociais e que, por conseguinte relacionados à identidade cultural (LÓSSIO; PEREIRA, 2007, p. 4).

Desse modo, o despertar em muitos indivíduos da busca do conhecimento do processo histórico de formação e desenvolvimento de suas atividades cotidianas, que surge da casualidade e da necessidade de utilizar apetrechos para sua sobrevivência, como instrumentos para caça, pesca e utensílios domésticos, e que, posteriormente, foram utilizados na troca por outros produtos e serviços, vêm, nesse enfoque, revelar o artesanato como herança cultural e potencial fator propulsor do desenvolvimento local e regional.

Atribui-se ao artesanato uma possível configuração de alternativa recorrente como base de projetos relacionados ao desenvolvimento local, na medida em que permite não apenas a inserção como a reinserção de áreas de difícil evolução, “como também [a condição de] viabilizar o resgate da cidadania e da autoestima dos chamados excluídos” (OLIVEIRA, 2007, p 1).

O artesanato pode impulsionar o interesse e a destreza dos membros das comunidades de determinada região, principalmente os jovens, que podem ter no artesanato uma fonte inspiradora e motivadora, orientada por mestres detentores do saber teórico e conceitual, em conjunto com os mestres artesãos e os profissionais possuidores das práticas tradicionais e dos conhecimentos mais enraizados dessa arte, o saber-fazer local ou regional.

O objeto deste trabalho é a significação do “artesanato” da localidade de Maragogipinho-Ba que, na sua identidade, se define como um viés na construção de um “território criativo”, com destaque para a produção ceramista dos oleiros, mestres artesãos e sua comunidade, que são os envolvidos nesse tipo de atividade.

Distingue-se inicialmente, como questão norteadora da revisão de literatura : O artesanato funcionou como fator de formação e caracterização de Maragogipinho-Ba como

---

<sup>1</sup> A evolução e perspectivas da cultura popular no capitalismo englobam contexto da inovação sem perder a descaracterização, como também há uma distorção do enfoque tradicional ocorrendo esse fenômeno em várias manifestações populares, danças e folguedos (LÓSSIO; PEREIRA, 2007).

um território criativo? A proposta abrange a compreensão do processo de desenvolvimento socioeconômico em torno do trabalho artesanal, o qual envolve suas crenças, costumes e peculiaridades, como também a preservação da identidade e tradição cultural que perpassa de geração em geração, no ofício do saber-fazer artesanal. A composição deste trabalho remete a problemáticas consideradas nos estudos dos espaços vivos em riqueza cultural, diversidade, inovação, iniciativas intensas e sustentáveis, que integram e fortalecem a concentração de empresas do setor criativo, que promovem mudanças positivas, econômicas e sociais, nas regiões que decidem apostar nessa perspectiva, bem como em outras áreas do conhecimento que tratam do objeto em questão.

Como objetivo geral, este trabalho propõe analisar o artesanato como fator de formação e caracterização de Maragogipinho na Bahia, como um “território criativo”, por ser o artesanato um dos setores da “economia criativa”, estimulador do processo do desenvolvimento local, tendo como foco a inclusão social da comunidade envolvida, local e regionalmente.

Os objetivos específicos compreendem: verificar o contexto histórico da produção de cerâmica local; identificar aspectos culturais que ofereçam subsídios para gerar ações no âmbito do desenvolvimento socioeconômico da localidade; apresentar o artesanato local e seu entorno como fonte propulsora no processo de formação de um território criativo. Vale ressaltar, que o desenvolvimento social e econômico desta comunidade passa, necessariamente, pela adoção de estratégias de adaptação aos novos desafios advindos de uma dinâmica contemporânea competitiva, mediante sua capacitação e empoderamento.

O artesanato revela-se como importante fator para o desenvolvimento social e econômico, cultural e turístico, de uma localidade ou região, apontando para os segmentos das tradições culturais, crenças, costumes, e para a descoberta de novos talentos, com ênfase na criatividade e na inovação, consolidando “territórios criativos”.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em uma revisão de literatura com base em pesquisa bibliográfica, bem como materiais contidos em arquivos de dados e informações em geral, recorrendo a sítios eletrônicos por meio da internet, no emprego dos aspectos relevantes para a valorização da atividade artesanal ceramista, produzida na localidade de Maragogipinho-Ba. A pesquisa provém da abordagem das principais características do artesanato e seus agregados, na identificação do distrito e região como um “território criativo”, compreendendo os espaços de produção e comercialização de seus produtos e serviços em prol do crescimento econômico e desenvolvimento local.

A elaboração estrutural deste trabalho parte desta Introdução, em que se obtém uma ampla visão do tema analisado, apontando os fatores determinantes que conduzem a continuidade do TCC em mais três frentes: no segundo capítulo, intitulado “Artesanato: caminhada histórica e conceitual” ressalta-se a História e Conceitos do artesanato, como também reflexões quanto aos aspectos que envolvem o Artesanato na Economia Criativa e o entendimento de Cidade Criativa na realidade do distrito de Maragogipinho-Ba, bem como, suas características como Território Criativo, contemplando os Clusters Criativos, abordando Pereira (1979), Leitão (2010 e 2015), Reis (2008), Santos (1978), Alvares (2015) e Simões (2016), dentre outros.

O terceiro capítulo, “O artesanato de Maragogipinho-Ba”, descreve características da produção ceramista, riquezas culturais, nas quais o Distrito de Maragogipinho-Ba, na simplicidade do seu povo mantém viva a tradição de transformar barro em arte, caracterizando os contextos: Geográfico, acerca dos limites territoriais e acessibilidade; Histórico-cultural: primórdios do artesanato local que encantam visitantes e turistas; e Social e Econômico, retratando a presença do artesanato como elemento da cultura local que também reflete economicamente para o desenvolvimento da região, abordando as autoras Nascimento (2011, 2012 e 2015) e Souza (2010), as pesquisas em arquivos de instituições como IBGE e SEBRAE.

No quarto capítulo, aborda-se “Maragogipinho-Ba como território criativo”, trazendo a atividade artesanal em seu território como forma de propiciar e estimular seu desenvolvimento econômico e social, ao valorizar suas tradições e gerar visibilidade e reconhecimento, inclusive, fora do Recôncavo da Bahia, caracterizando-se como território criativo, compreendendo o potencial e capacidade do distrito e região na identificação como uma Indicação Geográfica (IG), apontando fatores naturais e apoios institucionais favoráveis aos georreferenciados produtos territoriais. As considerações finais trazem uma síntese do que foi trabalhado ao longo da pesquisa e a sugestão de algumas possibilidades de abordagem no que se refere ao desenvolvimento do artesanato em Maragogipinho.

## **2. ARTESANATO: CAMINHADA HISTÓRICA E CONCEITUAL**

### **2.1. ARTESANATO – ABORDAGEM HISTÓRICA**

Assim como a história do Homem desde o início dos tempos, o período neolítico (por volta de 6.000 a.C.) seguiu por descobertas, e com elas algo tão necessário quanto a procura do próprio alimento e água, seria viabilizar a confecção de utensílios para sua existência. Desta concepção, o homem, utilizando de seus instintos e criatividade, fez surgir o artesanato, que teve sua origem a partir dessa necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro (LAMPEN, 2001 apud SANTOS, 2010, p. 1), os primeiros artesãos surgiram dando formas a matérias primas para atender suas necessidades cotidianas, tecendo fibras de origem animal e vegetal, polindo pedras e transformando-as em ferramentas para caça, pesca e agricultura, fabricando objetos de cerâmica para além da própria sobrevivência, a subsistência de famílias e tribos, conseqüentemente, expressando sua capacidade criativa e produtiva como forma de trabalho e vida.

Quanto ao pressuposto do aparecimento dos primeiros artesãos, autores como Martins e Laugeni (1998) mencionam as atividades desses artistas da seguinte forma: “Quando polia a pedra a fim de transformá-la em utensílio mais eficaz, o homem pré-histórico estava executando uma atividade de produção” (MARTINS; LAUGENI, 1998, p. 1).

No Brasil, o artesanato tem sua origem dentro das diversas tribos indígenas que faziam e fazem parte de nosso território, desde aquela época. Os índios foram os mais antigos artesãos que, através da arte da pintura, utilizavam da extração de pigmentos naturais transformando-os em tintas e, assim, expressavam seus sentimentos em linguagens escritas e desenhos nas rochas, no próprio corpo e decoração em objetos que fabricavam: cocares, cestas, tangas, artefatos de cerâmicas, vestuário feitos com penas e plumas de aves, dentre outros exemplares desse tipo de trabalho manual.

Atualmente o artesanato brasileiro tem reconhecimento por ser um dos mais ricos do mundo, manifestando seu auge através da “criatividade” em suas várias formas de expressões folclóricas culturais, assim revelando seus costumes e tradições no uso dos produtos fabricados pelos mestres artesãos com as características de cada região do país. Nesse sentido, o artesanato pode assegurar o sustento de muitas famílias e comunidades. Como exemplo cita-se o caso de Maragogipinho-Ba, que tem sua economia voltada para o comércio local, feiras-

livres, lojas especializadas, eventos tradicionais (Feira dos Caxixís<sup>2</sup>), exportação de sua produção, com os seus objetos sendo utilizados como decoração de ambientes, arquitetura em estruturas diversas e exposições culturais espalhadas pelo mundo.

Com o amadurecimento da indústria e da máquina no século XIX, as habilidades artesanais e suas capacitações sofreram expressivas transformações em seu contexto histórico tradicional, deparando-se com um processo de produção alterado face às mudanças tecnológicas, no qual as irregularidades, variações e defeitos do trabalho manual passaram a ser substituídos por formas padronizadas, homogêneas e em conformidade com as demandas das linhas de produção em série da sociedade industrial emergente, tendo que adaptar-se, nesse contexto, às inovações tecnológicas que levaram à utilização do trabalho humano apenas para manutenção e controle das máquinas.

O processo de produção artesanal passou a envolver uma série de novas atividades, incorporando-se à sociedade contemporânea, enfrentando mudanças de função, formas, adequação de equipamentos e aceleração na linha de produção, isso para atender à modernidade e as exigências do mercado consumidor. Desse modo, se transformou em uma produção não tradicional de larga escala, muitas vezes descaracterizando o produto e sua matéria prima oriunda da natureza, substituindo-a por material sintético, atuando, assim, de acordo com as forças do mercado consumidor global, dentro de um processo de mercantilização do produto artesanal. Em uma de suas célebres obras, o filósofo alemão Karl Marx, pai do socialismo científico, tece críticas ao capitalismo que conduz um processo de submissão da produção simples e de comercialização de tradições, reduzindo-as à uma mera expressão mercantil.

[...]apontar essas linhas em que se assenta a crítica marxista da sociedade capitalista. [...] No plano do pensamento meramente abstrato é fácil passar do modo de produção simples de mercadoria para o modo de produção capitalista. Basta cortar a seqüência e começar pelo dinheiro [...]. (MARX, 1975, p. 101).

Contudo, essa atividade ou trabalho artesanal envolvida em diversas dimensões sociais: costumes, crenças e tradições, vem, com a riqueza cultural, resistindo às dinâmicas da economia industrial capitalista, atuando no sentido de enriquecer os objetivos e reconfigurar as diversas formas de trabalhos artesanais manuais, explicando a natureza marginal da

---

<sup>2</sup> A centenária Feira dos Caxixís, em Nazaré das Farinhas-BA, é tradicional e acontece na Semana Santa, entre a Sexta-Feira da Paixão e o Domingo de Páscoa no calendário anual católico em todo o país. A feira consiste em exposição e comercialização de produtos de artesanato de barro, confeccionados em Maragogipinho (Aratuípe-Ba.). Maiores informações em: <http://oquefazernabahia.com/2017/03/01/feira-dos-caxixis-em-nazare-das-farinhas/>. Acesso em: 04/07/2017.

atividade artesanal na sociedade contemporânea e contemplando o contexto histórico e cultural do artesanato em suas diversas peculiaridades.

## 2.2. ARTESANATO – ABORDAGEM CONCEITUAL

Diante do contexto histórico apresentado, o artesanato se faz entender como uma expressão de arte, que mesmo em sua ampla e subjetiva definição compreende uma linguagem que se manifesta em forma de expressões que se materializam no plano abstrato da mente humana, e sua riqueza surge de dentro para fora, ou seja, algo que está no âmago do ser e se manifesta para que outros possam desfrutar dessa forma de expressão. Em sua dissertação, Iaçanã C. Simões afirma que “No vasto universo da arte inclui-se a expressão do artesanato” (SIMÕES, 2016, p. 23). A autora estende a difícil tarefa de concretizar uma definição de arte, devido a mudanças ocorridas em seu percurso histórico descrevendo que:

[...] A palavra artesanato sendo tratada por seu conceito etimológico não tem uma derivação direta, própria. Sua raiz vem do vocábulo latim ARS, que dentre outros significados abrange: habilidade; teoria; arte ou a capacidade de fazer alguma coisa. O termo ganha destaque em seu uso através do italiano ARTIGIANO, denominando-se, artesão como aquele que exerce atividades mecânicas ou decorativas. [...]. (SIMÕES, 2016, p. 23)

Assevera Simões (2016), citando Houaiss et al. (2004), que definições encontradas no século XV atribuem outras versões para aqueles que praticam a arte, enfatizando uma conotação que surge a partir da junção da forma de expressão da atividade econômica que exercem, denominando o artesão como:

[...] 1 indivíduo que pratica arte ou ofício que dependem de trabalhos manuais 1.1 artífice que exerce sua profissão em oficina própria [...]. ETIM it. Artigiano ‘que atua numa produção em caráter doméstico e tradicional, não em série, com instrumentos de sua propriedade e com utilização de mão-de-obra pouco numerosa’ [...]. (HOUAISS, 2004, p.307 apud SIMÕES, 2016, p.23).

Na atualidade, o artesanato vive o conflito do ritmo de produção e das demandas de consumo. Os mestres precisam produzir rapidamente para responder as expectativas dos clientes e, ao mesmo tempo, conseguir trazer uma característica particular à sua produção, agregando valor e diferencial simbólico. Percebe-se, com isso, que todo artesanato possui um tempo, uma complexidade no processo de produção e exige uma atenção particular (NASCIMENTO, 2012).

A aprendizagem no fazer artesanal é ocasionada por um conhecimento que é aprendido na prática e ensinado na prática (é o saber-fazer), um saber especializado, vivencial, que dificilmente será passado por cursos ou formas pré-definidas de produção

(DORMER, 1994 apud NASCIMENTO, 2015, p. 46). É importante destacar que o artesanato não é somente produção/produto, é também história, identidade, memória. Então, esse contexto em que o produto em questão possui valor imaterial, com referências culturais e saberes e fazeres tradicionais peculiares, o saber histórico, esse conhecimento da antiguidade, é de grande importância na prática artesanal. É um saber-fazer passado de geração para geração, transmitido pela oralidade e que, em sua prática, estabelece o domínio das técnicas (NASCIMENTO, 2015, p. 59).

Na medida em que passa a ser compreendido, o artesanato recebe diversas conceituações, encontradas em textos acadêmicos, projetos, programas e diretrizes políticas, que apontam o fazer artesanal como fator de indução para expressar a existência de diversificações da atividade, não possuindo um conceito único. Em artigo publicado no ano de 2013 na Revista *Tourism & Management Studies*, Brandão, Silva e Fischer discutem o conceito de artesanato tratado na literatura pertinente, tecendo reflexões baseadas em um conjunto de observações críticas, argumentando da seguinte forma:

O fazer artesanal é uma atividade cultural, na medida em que é construída, transmitida e modificada ao longo do tempo, perpetuando modos de vida, saberes e fazeres de uma determinada sociedade. É também uma atividade social, dadas as relações sociais e familiares configuradas em torno da atividade. É ainda o artesanato uma atividade econômica produtiva, capaz de gerar ocupação e renda, sendo por isso comumente convocado a assumir um papel central em projetos de desenvolvimento local e redução das desigualdades sociais. (BRANDÃO, SILVA e FISCHER, 2013, p. 199).

Nesse contexto, abrangendo o desenvolvimento da produção artesanal cerâmica local, em seus múltiplos aspectos socioeconômico, ambiental e cultural, vários autores (ALVARES, 2015; BARBOSA, 2003; CUNHA, 2014; NASCIMENTO, 2011; SIMÕES, 2016), trazem um recorte estrutural e atemporal da forte e expressiva cerâmica tradicional, conhecida como louça de barro ou argila, além dos objetos decorativos, que impressionam pela beleza. A principal articulação literária é mesclar e ao mesmo tempo unir o indivíduo, cerâmica e habitar, ou seja, a respeito da produção artesanal destaca a intenção de se determinar o objeto artesanal e o artesão como produto final, reconhecendo a importância desta essencial integração para o desenvolvimento de ambos. Neste sentido, o artesanato destaca-se, como um mecanismo de inclusão social e de melhoria de qualidade de vida para os atores envolvidos.

## 2.3 CONCEITO DA ECONOMIA CRIATIVA

### 2.3.1. ECONOMIA CRIATIVA

Neste tópico, se desenvolve um panorama de reflexões que dizem respeito aos espaços criativos, abordando aspectos culturais e tradicionais e seu enraizamento nas redes de relações sociais, econômicas e políticas, aqui movidas por ações em princípios básicos e suas diretrizes ao longo de discussões pertinentes e entendimentos eficazes que impulsionam o desenvolvimento socioeconômico de localidades, a exemplo do Distrito de Maragogipinho no Recôncavo da Bahia, que utiliza o artesanato como forma de economia e sustento das famílias que ali residem.

Autores enfatizam conceitos como a Economia Criativa, e a enfocam como diretriz causadora de atividades como o artesanato, considerado de fundamental importância para formação de cadeias produtivas, no qual indivíduos colocam suas expectativas para inserção social. Assim a Economia Criativa é vista como um modelo de desenvolvimento proposto pela Organização das Nações Unidas, envolvendo setores e processos cujo insumo principal é a criatividade, para “gerar localmente e distribuir globalmente bens e serviços com valor *simbólico e econômico*” (REIS, 2008, p. 24).

Neste sentido, valorizar aspectos culturais, econômicos e, principalmente, sociais, com base no reconhecimento da capacidade de criação, e do entendimento entre setores, processos e fundamentos de cidades e territórios criativos, irá propiciar o direcionamento que ambiciona o intuito de apoiar a proliferação dos espaços criativos e, com isso, desenvolver socioeconomicamente os indivíduos em suas comunidades.

Pode-se, assim, considerar que a economia criativa consiste em um campo estrategicamente ativo, gerador de trabalho, emprego e renda, formando um composto de atividades, bens ou serviços de natureza econômica e cultural, apropriados na viabilidade para a inclusão social. Em concordância com esta tese e definições na literatura técnica que tratam do assunto, Caiado (2011, p. 15) harmonizou os trabalhos pesquisados, balizando-os da seguinte forma:

Economia Criativa é o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam a criatividade, o ativo intelectual e o conhecimento como principais recursos produtivos. São atividades econômicas que partem da combinação de criatividade com técnicas e/ou tecnologias, agregando valor ao ativo intelectual. Ela associa o talento a objetivos econômicos. É, ao mesmo tempo, ativo cultural e produto ou serviço comercializável e incorpora elementos tangíveis e intangíveis dotados de valor simbólico.

Em vista disso, pode-se dizer que a matéria prima da economia criativa é o aglomerado de atividades existentes na cultura e criatividade, embora seu conceito seja complexo e defendido por diversos autores, no qual é amplo o suficiente para abranger nossa

diversidade, rompendo fronteiras e aproximando pessoas tanto no âmbito social quanto nos moldes de grandes negócios, englobando um extenso ciclo de relações que partilham desde a informalidade entre indivíduos que trabalham em associações comunitárias ou setores criativos como o da inovação, a uma indústria multinacional do setor de computação e mídia (hardware, software). Levando a que alguns grupos populacionais, sobretudo os latino-americanos, devido a sua cultura associada à solidariedade, dediquem ao tema o foco em desenvolvimento sustentável e humano, e não veementemente na vertente do crescimento econômico.

É significativo adquirir entendimento sobre o conceito de economia criativa, sobretudo saber da importância que este traz, através de estudos, conduzindo formas de evolução para o desenvolvimento local. Conforme explana a Doutora em Sociologia, pesquisadora, responsável pela criação da Secretaria da Economia Criativa (SEC) do Ministério da Cultura (MinC) em 2011, Claudia Sousa Leitão:

Na construção de um conceito é preciso priorizar escolhas, optar por visões de mundo, enfim, definir significados a partir do lugar em que nos encontramos. Se o conceito de indústrias criativas data de duas décadas, os significados das economias criativas como substratos de um desenvolvimento incluyente e sustentável, ainda carecem de aprofundamento e de operacionalidade. Se a economia criativa é uma economia baseada na abundância e não na escassez de recursos, pois seu insumo principal é a criatividade e o conhecimento humano, que são infinitos, ela figura como uma estratégia fundamental para os países onde a criatividade é mais importante do que o domínio da ciência e tecnologia. Ao mesmo tempo, a natureza colaborativa dessa economia favorece a ação coletiva entre pessoas, comunidades, instituições, coletivos, empresas, governos e redes. Enfim, a economia criativa oportuniza a “queima de etapas” nos processos produtivos, na medida em que reconcilia estratégias nacionais com processos internacionais globais. (LEITÃO, 2015, p. 6)

A afirmação acima visa explorar o conceito de economia criativa, reconhecendo a dificuldade de sua aplicação literal à realidade do território analisado. Nessa direção, estudos sobre a economia criativa a consideram como uma área inovadora que aponta um promissor relacionamento direto entre a cultura e a vida socioeconômica dos indivíduos, baseada na abundância ao invés da escassez de recursos, e partindo do princípio da criatividade. Estes mesmos estudos direcionam a participação dos membros em suas respectivas comunidades, de forma colaborativa, na busca por diferenciais de melhorias, bem como em produções de pequeno porte inseridas na dinâmica da criatividade, a fim de fomentar a inclusão econômica e social, além do desenvolvimento sustentável. No cenário econômico mundial, essa concepção vem tendo especial atenção, haja vista que a criatividade gradativamente vem contribuindo para uma perspectiva de desenvolvimento concentrado nas pessoas, sendo considerada um insumo imprescindível para a criação de empregos e para a inovação,

condicionando a inclusão social, a diversidade cultural e a sustentabilidade (UNCTAD, 2010, apud LEITÃO, 2015).

Mais satisfatoriamente, é saber-se que conhecimentos empíricos resultam em convicção para o desenvolvimento cultural e socioeconômico e, em profundidade, para o bem-estar das comunidades de baixa renda (principalmente as mais desprovidas de crescimento). Para isso, medidas cabíveis no tocante desse processo de inclusão dessas comunidades são necessárias, tendo em vista o desenvolvimento local. Não se trata apenas de outorgar às autoridades responsáveis a deliberação de medidas de conhecimento interno, ou mesmo para que simplesmente comuniquem a realidade globalmente. É, com efeito, colocar tais medidas em prática, para que sejam objetivadas e que os propósitos destes estudos sejam concretizados.

### 2.3.2. CIDADES CRIATIVAS

Objeto de debate, costuma-se dizer que a primeira cidade foi formada na Mesopotâmia, cerca de 3.000 anos a.C., revelando-se como centro de comando econômico e trocas de produtos agrícolas ligados às relações políticas, religiosas e sociais da época que, com o passar dos tempos, fluíram para novos passos, desde a Idade Média (século XVIII), era industrial (primeiras décadas do século XX), até período pós-industrial, quando há o reconhecimento de fatores não só econômicos como sociais, levando em consideração a valorização do capital humano.

As cidades são identificadas como uma área povoada onde se estende um aglomerado de residências e grandes centros ou zonas comerciais e industriais (infraestrutura, organização, serviços de transporte etc.). Evidentemente diferenciado do campo ou zona rural, onde as extensões territoriais são voltadas para culturas agrícolas, pecuária, reservas ambientais dentre outras, fora do perímetro urbano. A cidade é a sede do município, é autônoma e atua dentro de suas competências administrativas em um Estado, um espaço amplo onde ocorrem relações e fenômenos sociais, culturais e econômicos.

No âmbito de Cidades Criativas, pode-se dizer que elas ocupam um papel incontestável em relação às dimensões de atuação nos processos decisórios do crescimento econômico e desenvolvimento das nações. Estes centros urbanos, onde uma boa parte da população vive, promovem a competitividade, cidadania e qualidade de vida, diante disso, em 2008, a Dra. Ana Carla F. Reis, de renome internacional no que toca à economia criativa, assegura que:

Cidades criativas são cidades capazes de encontrar dentro de si a solução para seus problemas. São cidades que transformam o tecido socioeconômico urbano com base no que têm de mais singular, criativo e específico e em um profundo entendimento de sua identidade cultural. Uma cidade criativa é capaz de atrair empreendedores, investimentos e um perfil de turista que respeita e aprecia a cultura local, entendendo a cidade como sua anfitriã. (REIS, 2008, p. 136).

Partindo desse pressuposto, algo novo em torno das vertentes e definições da economia criativa no campo cultural da criatividade e territórios urbanos, pode-se direcionar este cenário bastante próximo à realidade de muitos espaços criativos do território brasileiro, a alguns modelos de cidades criativas que influem para além da dimensão econômica, apresentando como aspectos peculiares as grandezas culturais e tradicionais de suas regiões ou povoados.

### 2.3.3. TERRITÓRIOS CRIATIVOS

Contemplar o tema Território Criativo, neste texto, implica buscar na literatura definições para espaços de múltiplas e diversas dimensões que os constituem. Uma possível compreensão ao tema encontra-se em autores como Lisiane Closs (2014) que, explorando as contribuições do geógrafo Milton Santos, pioneiro e renovador das compreensões do espaço na geografia, propôs um método de interpretação pautado no materialismo histórico.

Santos (2005 apud Closs, 2014, p. 8) assegura que “a relação espaço-tempo representa o elemento central da dinâmica socioespacial da geografia humana, compreendendo o espaço como produção do homem na relação com a totalidade da natureza e por meio da técnica”.

A partir dessa concepção, a noção de espaço e elaborações sobre território passa pelos conceitos de formação econômica espacial e modo de produção, com base nas relações sociais e delimitação geográfica. Assim, para Santos (2005 apud Closs, 2014, p. 8),

[...] o espaço é uma categoria que fora pouco explorada mesmo na Geografia, predominando uma análise da forma, em detrimento da formação. Um olhar que se concentra nas formas cristalizadas, impedindo que se faça uma relação maior entre espaço e História, explorando as relações sociais, políticas e econômicas do processo de formação [...].

Em seguida, Closs reforça que, no entendimento de Santos (2005),

O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o local de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem estes pontos são igualmente elementos passivos que condicionam as atividades do homem e comandam a prática social (SANTOS, 2005, p. 34 apud CLOSS, 2014, p. 8).

Compreender os espaços como criativos e certificar seus atributos a determinado território, permite entender a existência desses espaços pelo reconhecimento das definições

encontradas para os mesmos, assim a ascensão à formação social dos indivíduos nesses espaços, segundo Santos (1978, p. 4), se dá ao fato que,

A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades «externas», aquelas do modo de produção «puro», quanto pelas necessidades «internas», representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita o modo de produção expressam-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho.

De algum modo, essa concepção tem proximidade às condições existentes em todo tipo de localidade, bem como em Maragogipinho-Ba. O novo tentando impor-se em toda parte, porém sem alcançar êxito completo, por ser dependente; o velho, de produção tradicional, procura se afirmar mantendo estáveis as suas condições limitadas de produção e as estruturas físicas de ocupação nos espaços.

Para fundamentar-se um processo de acumulação econômica e interação entre classes, necessita-se, basicamente, de uma sinergia capaz de gerar uma força interior que possa alavancar um desenvolvimento endógeno. Em vista disso, Leitão (2010, p.173) comenta,

O desenvolvimento endógeno permitiria às regiões pobres e desiguais, como é o caso do nordeste brasileiro, uma nova alternativa de crescimento econômico, não mais construído de fora para dentro, mas resultando de uma dinâmica local, capaz de dialogar com o mundo. Ao mesmo tempo esse desenvolvimento se profundaria em raízes culturais, pois valorizaria éticas, solidariedades e expressões culturais locais, necessárias, por sua vez, a consolidação de práticas cooperativas, ao crescimento da confiança entre indivíduos e grupos, além da proteção ao patrimônio cultural e ambiental dos territórios envolvidos.

Territórios Criativos abrangem espaços que se distinguem por suas características de efetivação enquanto lugares de Economia Criativa, e a sua amplitude territorial, propriamente dita, consolida sua existência enquanto tal.

#### 2.3.4. CLUSTERS CRIATIVOS

Falar de Cluster Criativo significa contemplar-se mentalmente, sob uma visão panorâmica, o distrito de Maragogipinho-Ba, que em seu agrupamento de empresas, concorrentes ou não de um mesmo setor econômico, instaladas em um único local, promovem a transformação da região à condição de referência em determinado recurso, no caso o artesanato propriamente dito, sua produção ceramista, que, dentre outros produtos facilita a cooperação entre os artesãos e moradores da comunidade, que se envolvem no objetivo de melhorar a qualidade de vida de quem trabalha em um cluster (por morar próximo de onde trabalha, já que as empresas de seu setor estão sempre em um mesmo lugar). Existem várias definições de clusters, desde “disposições em redes a operar em proximidade física”, a

“concentrações geográficas de empresas do setor criativo<sup>3</sup>, como tecnologia, design, arquitetura, moda, literatura, gastronomia e artes visuais, entre outras”. Sendo esta última, a de melhor aplicação ao setor criativo.

O mais interessante nesse processo é saber que, dessa interação de empresas que competem entre si em um mesmo território, se possibilita que os clusters conduzam uma série de vantagens, tanto para as empresas quanto para as regiões onde estão implantadas, gerando um perceptível aumento da competitividade, havendo um acréscimo na produtividade, e na comercialização de seus produtos. Conseqüentemente, evidencia-se um crescimento na rentabilidade das empresas surgindo oferta de emprego para os cidadãos moradores das regiões envolvidas, ficando a percepção de que essas regiões teriam dificuldades em obter tais benefícios e só existissem fora do sistema, isoladas de divulgação e transferências de conhecimentos. Os negócios “criativos” fortalecem-se por se agruparem, e seus produtos e serviços ganham com a troca e interação entre os seus atores.

A produção ceramista de Maragogipinho, com seu início na tradição histórica dos oleiros, transmitida de geração a geração, reflete e caracteriza uma cultura referente a um território específico, de criatividade singular, definido no plano gerador de valores simbólicos como elemento central da formação de discípulos (aprendizes), resultando na produção de riqueza cultural, mantendo viva sua história, perpetuando no tempo e incorporando raízes peculiares a seu povo.

---

<sup>3</sup> Texto extraído de referenciais do Seminário Internacional de Clusters Criativos, FECOMERCIO/SESCSP. [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6731\\_o+que+sao+os+clusters+criativos](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6731_o+que+sao+os+clusters+criativos) Acesso em: 05/09/2017.

### 3. O ARTESANATO DE MARAGOGIPINHO - BA

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS DE MARAGOGIPINHO – BA

Considerado um dos maiores centros de produção de cerâmica artesanal da Bahia, Maragogipinho, um pequeno distrito do município de Aratuípe – Ba., região primitivamente habitada pelos índios aimorés, situada às margens do rio Jaguaripe, afluente do rio Doce, no Recôncavo Baiano, retrata suas peculiaridades na simplicidade do povoado, comuns na maioria das comunidades ribeirinhas da região, com suas riquezas culturais no artesanato, nas crenças, nos costumes e no folclore tradicional, promovendo o turismo e a comercialização de suas peças artesanais na perspectiva do sustendo dos seus moradores, familiares, logo o desenvolvimento socioeconômico local.

Configura-se em uma rede de pequenas empresas em que, direta ou indiretamente, as pessoas que vivem no local são envolvidas com a atividade ceramista, conservando a tradição secular de produção de objetos de barro e trajetórias de experiências dos mestres artesãos. Algo tão típico que, a Dra. Sonia Carbonell Alvares, na defesa de seu doutorado, em 2015, expressou na obra “Maragogipinho – as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares”<sup>4</sup>, descrevendo de maneira tão simples o lugar: “[...] avistei casarios coloridos e casas de pau-a-pique. As poucas vias principais calçadas e as ruazinhas de terra traduziam a singeleza de Maragogipinho” (ALVARES, 2015, p. 69).

O local, em sua naturalidade, traz como marcante e principal característica a produção de peças feitas de argila, extraídas dos barreiros das fazendas próximas ao distrito, obedecendo à tradição de extração da matéria-prima. Em época de lua crescente ou minguante, por sua vez, o artesanato também torna-se fortemente sazonal, acontecendo sempre em uma determinada época. Sua produção e demanda comercial são influenciadas pelas estações do ano, sendo que no inverno há uma baixa produtividade devido às chuvas e dificuldade de secar o barro. Por outro lado, no verão as demandas aumentam devido ao turismo. (NASCIMENTO, 2015).

As manifestações culturais vindas dos antepassados, a atividade oleira, ou seja, produção artesanal ceramista, em conjunto com o turismo, delineiam, conseqüentemente, contribuições para o desenvolvimento socioeconômico local, compondo um quadro simétrico

---

<sup>4</sup> ALVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: 2015.

peculiar na comunidade de Maragogipinho. Assim, Souza (2010) assevera sua proposta de verificar de que forma a atividade turística e a cultura podem contribuir para o desenvolvimento local desse distrito.

[...] mais que sua principal fonte de renda, o artesanato significa também uma manifestação artística (tradicional) que está arraigada na cultura da comunidade e que ajuda não só a preservar a arte em si como a promover o turismo na localidade fazendo com que os valores locais e a história se integrem e se tornem instrumentos valiosos na promoção do turismo [...] no fomento do desenvolvimento local. (SOUZA, 2010a, p. 2).

Maragogipinho é uma comunidade que mantém viva a tradição na transformação de barro em arte, se mistura na cultura indígena, africana e europeia, resultando ser o maior centro ceramista das Américas, conhecido nacional e internacionalmente pela diversidade de suas belas peças artesanais em formas e tamanhos, que vão desde objetos decorativos de ambientes, esculturas exóticas, imagens sacras, aos famosos caxixís<sup>5</sup> (SIMÕES, 2016).

Configura sua estrutura física numa miscigenação onde a influência indígena e africana com suas ocas de palha, embarcações e fornos para queima da cerâmica, se misturam a arquitetura de casas de tijolos, igrejas e ruas calçadas, trazidas da cultura dos colonizadores europeus no século XVI. Sua produção artesanal é a maior fonte de renda, reunindo dezenas de olarias às margens do Rio Jaguaripe, onde os mestres oleiros com suas habilidades manuais fabricam diariamente centenas desses objetos artesanais fascinantes, resultando em arte que vai passando de pai para filho, como também homens e mulheres trabalham com o barro, em sintonia, manuseando-o em um único lugar, ou seja, uma peça é construída por, pelo menos, quatro mãos. Os homens são oleiros<sup>6</sup>, então produzem os artefatos em tornos movidos com os pés. As mulheres fazem o acabamento, dão polimento e pintam. (ALVARES, 2015).

No distrito, existe a Associação de Auxílio Mútuo de Maragogipinho (A.A.M.O.M.)<sup>7</sup>, que conta com apoio do SEBRAE, que tem o objetivo de fazer com que estes artesãos conheçam seus produtos mais profundamente, ou seja, desde a extração ou compra da argila, fabricação das peças, até o produto final, quando chega a hora de colocar preço, contabilizando os custos e redução de despesas para obterem uma maior lucratividade no momento da venda, aumentando assim a renda familiar. Com isso, o artesanato ceramista no

---

<sup>5</sup> Peças de pequeno porte com tamanhos variados (entre 5 e 8 cm) que imitam a louça vitrificada. Eram utilizadas como brinquedos infantis, além de serem desenvolvidas como meio de aprendizagem inicial para a função de oleiro (SIMÕES, 2016 p. 97).

<sup>6</sup> Os oleiros, como são chamados os artesãos que fabricam as peças, aprendem o ofício desde cedo, numa arte que é passada de pai para filho. Disponível em: <https://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/04/24/ult4466u240.jhtm>. Acesso em: 17/08/2017.

<sup>7</sup> Empresa de atividade associativa não especificada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, CNAE: 9499500, Localizada a Rua Antonio Almeida, Maragogipinho, Aratuípe-Ba. Maiores informações em: <https://empresasdobrasil.com.br/assoc-de-auxilio-mutuo-dos-oleiros-de-maragogipinho-172517>, acesso em 22/12/2017.

distrito, sem dúvida, está ligado ao crescimento econômico e possível inclusão social. Simões (2016) descreve o papel da associação e seus associados, conforme entrevista com a Presidente da AAMOM na época, Sra. Marijose Pinto dos Santos.

[...] O papel da associação é o de promover aberturas e articulações junto aos órgãos estaduais, principalmente, buscando o apoio para o escoamento da produção local, como também a promoção de ações relevantes para o crescimento do artesanato (SIMÕES, 2016, p. 163).

Além do artesanato descrito nas literaturas acadêmicas, artigos publicados em revistas, websites, blogs, reportagens e outros diversos meios de comunicação, o distrito de Maragogipinho conta também com outros inúmeros atrativos e atividades que agregam seu sustento, que são provenientes de recursos naturais e tantos outros incorporados no povoado, derivados do aumento no fluxo frequente de visitas na comunidade. O local abriga fauna e flora remanescente de Mata Atlântica, córregos, cachoeiras e rios que transpassam ou nascem em seu território e desaguam direto no mar, na Baía de Todos-os-Santos, configurando um lugar propício para navegação que é utilizado como a principal via de escoamento da produção ceramista. E em seus saveiros<sup>8</sup>, canoas e outras embarcações, os nativos, convidados e visitantes realizam travessias fluviais e marítimas nas regatas e procissões tradicionais religiosas, contribuindo com o turismo na região, atraindo um grande número de visitantes que passam a serem consumidores nas diversas lojas de artesanatos, bares, restaurantes e meios de hospedagens do distrito.

A localidade, inclusive, propicia uma exuberante gastronomia, que em ambientes simples e aconchegantes permitem aos visitantes desfrutarem de deliciosos pratos típicos regionais, cozidos e servidos nas panelas-de-barro que são confeccionadas ali mesmo na comunidade. A população local também festeja outras culturas, como o Carnaval de Maragogipinho<sup>9</sup>: lá os moradores se transformam em foliões pelas ruas do lugarejo usando máscaras, trajes típicos, onde crianças, jovens e adultos se divertem ao som das marchinhas dos antigos carnavais proporcionadas pelas bandinhas e outras atrações locais.

### 3.2 CONTEXTO GEOGRÁFICO DE MARAGOGIPINHO-BA.

O Distrito de Maragogipinho pertence ao município de Aratuípe, situado no Território

---

<sup>8</sup> Os saveiros são embarcações sem motor, e que tem velas, por isso a travessia de mercadorias para Salvador depende do vento para chegar ao seu destino (SIMÕES 2016, p. 155).

<sup>9</sup> Carnaval de Maragogipinho, TVSaj. Disponível em:

[http://tvsaj.com.br/index/noticias/id76128/maragogipinho\\_manifestacao\\_carnavalesca\\_mostra\\_que\\_a\\_cultura\\_permanece\\_viva\\_no\\_seio\\_da\\_populacao\\_em\\_aratu\\_pe\\_ba](http://tvsaj.com.br/index/noticias/id76128/maragogipinho_manifestacao_carnavalesca_mostra_que_a_cultura_permanece_viva_no_seio_da_populacao_em_aratu_pe_ba). Acesso em 29/01/2018.

Baixo Sul do Recôncavo da Bahia, como limite geográfico (Figura 1) faz divisa ao Norte com os municípios de Santo Antônio de Jesus, Muniz Ferreira e Nazaré das Farinhas, ao Sul Jaguaripe, ao Oeste Laje e ao Leste a Baía de Todos-os-Santos. Maragogipinho se localiza as margens do Rio Jaguaripe, que deságua no mar da Baía de Todos-os-Santos.

As formas principais de acesso (Figura 2) tomando como referência a Capital Salvador: por via terrestre, ficando localizada a aproximadamente 227 km de distância do município e neste caso segue pelas BR 324, BR 101, BA 028 e a BA 00128 e a BA 001; ou por via marítima seguindo de trecho terrestre, atravessando para Ilha de Itaparica e depois pegando aproximadamente 72 km pela BA 001. Encontra-se próximo ao município de Nazaré das Farinhas (distância de 10 km). (SIMÕES, 2016).

Para chegar a Maragogipinho existe, também, o acesso fluvial navegando pelo rio Jaguaripe, que geralmente é utilizado pelos pescadores e comerciantes da região para o escoamento da produção rumo à capital via Baía de Todos-os-Santos.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que o município de Aratuípe-Ba detém uma área territorial de 174.012 km<sup>2</sup>, seu gentílico aratuipense, e que no ano de 2010 havia 8.599 habitantes e, em 2017 estimava-se sua população em 9.171 pessoas (IBGE, 2018a). De acordo com esse crescimento populacional, acredita-se que a maioria dos munícipes resida no Distrito de Maragogipinho e atua na produção e comércio ceramista, ou vive direta ou indiretamente da cultura deste, ou de outros tipos de artesanato.

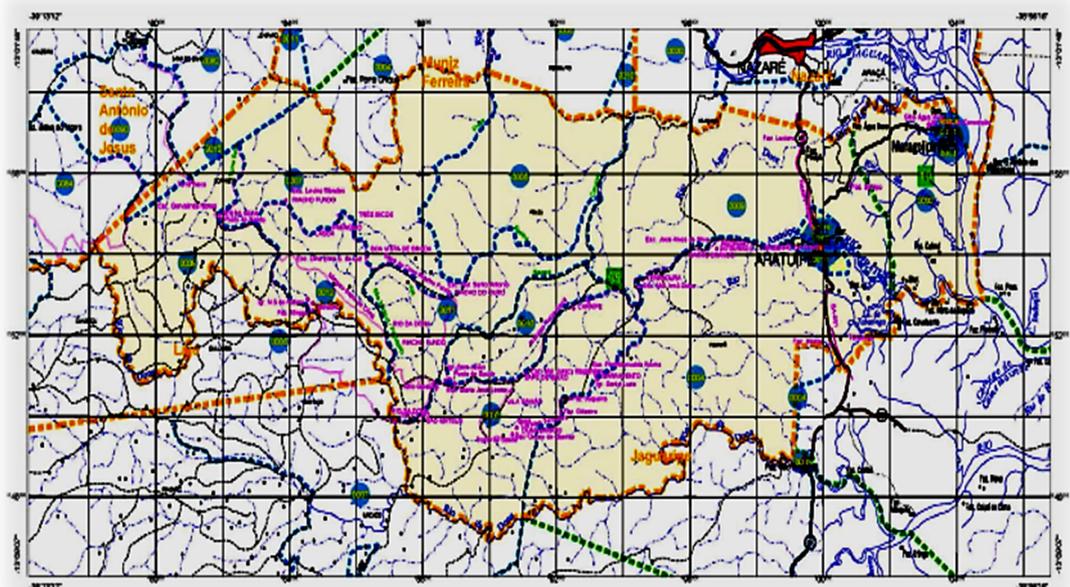


Figura 1 – Mapa Divisão Política, Limites de Aratuípe-Ba.

Fonte: IBGE /BIBLIOTECA/MAPAS, Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/mapas/GEBIS%20-%20RJ/map10890.pdf> Acesso em: 12/02/2018b.

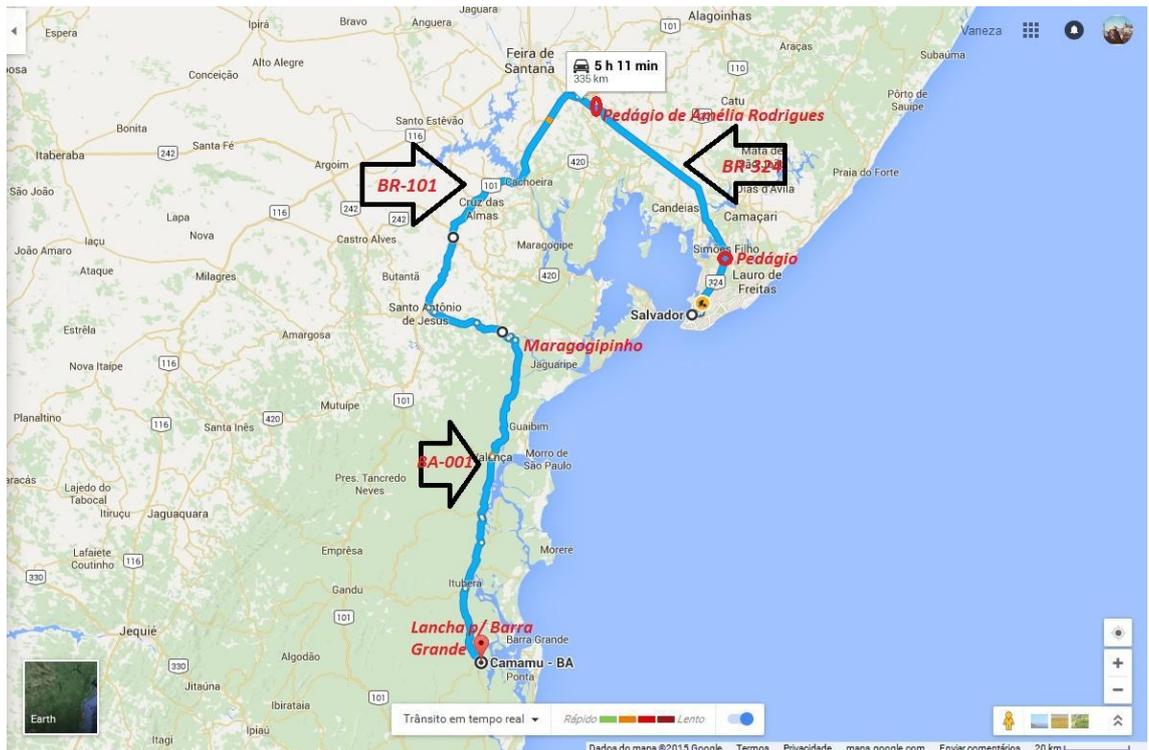


Figura 2 – Mapa de Localização da área de estudos, acesso a Maragogipinho-Ba.

Fonte: Google.com. br/mapas, Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/-FzaT9O\\_Nq9c/Vkok6BPgxl/AAAAAAAAAULs/wNXgQ13xcnI/s1600/mapa%2B1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-FzaT9O_Nq9c/Vkok6BPgxl/AAAAAAAAAULs/wNXgQ13xcnI/s1600/mapa%2B1.jpg) Acesso em: 13/02/2018.

Por sua facilidade de acesso, boa localização, proximidade aos grandes centros comerciais, riquezas culturais e tantos outros atrativos únicos e característicos de Maragogipinho, essa comunidade possui um território propício à visitação e, conseqüentemente, desperta interesses culturais, turísticos e comerciais, tendo boas perspectivas de reconhecimento como promissor para o progresso da região. A coleta de dados e mapeamento dessa comunidade possibilita o registro através das imagens para observação dos objetivos inerentes ao seu desenvolvimento, e com isso gera um interesse convidativo em conhecer mais profundamente sua história. Tema do próximo item desse trabalho voltado ao Artesanato e Território Criativo de Maragogipinho.

### 3.3. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL: PRIMÓRDIOS DO ARTESANATO DE MARAGOGIPINHO – BA

As histórias do distrito de Maragogipinho e do município de Aratuípe-Ba se vinculam com a história do Brasil. Estudos mostram que seria uma aldeia indígena, habitada pelos índios Aimorés e que, através dos portugueses colonizadores e historiadores, ansiosos por

explorar novos territórios pelo Brasil-colônia recém-descoberto, asseguravam suas conquistas em cartas ao monarca da época, e assim, certificavam suas demarcações nos registros que se eternizam em cartórios, museus, bibliotecas e livros de autores consagrados, e na atualidade em trabalhos acadêmicos e instituições de pesquisas para diversos fins (exe.: IBGE, SEBRAE, SEI<sup>10</sup>, BPEB<sup>11</sup>), trazendo na literatura e nos registros dos documentos, a estrutura histórica e primórdios desta e outras localidades que estimulam ao conhecimento mais detalhado da região. Neste contexto, compreendem-se alguns registros históricos do município de Aratuípe-Ba e seu distrito Maragogipinho. Em pesquisa a página IBGE/CIDADES<sup>12</sup>, sobre o histórico destas localidades, foram encontradas as seguintes informações:

A região foi primitivamente habitada pelos índios aimorés. No século XVI, deu-se a primeira penetração no território, atribuída por historiadores a Paulo Argolo de Menezes, portador de carta de sesmária, concedida pelo Governo de Portugal. Paulo Argolo fundou o aldeamento “Santo Antônio” destinado à catequese de indígenas. Concentraram-se ali outros silvícolas, vindos da Casa da Torre, de Garcia D’Ávila, para guarnecer o engenho de Fernão Cabral e outros vizinhos, contra os ataques dos aimorés. Construiu-se a igreja de Santo Antônio, com dependências para escola e morada do pároco e do farmacêutico. Os índios catequizados cooperaram com as tropas brasileiras nas lutas contra o General Madeira, durante os movimentos em favor da independência do Brasil. Pela Resolução Provincial nº 132, de 2 de junho de 1840, criou-se a freguesia de “Santana da Aldeia”. O topônimo, de origem tupi, significa “rio dos aratus” (pequenos crustáceos de cor vermelha). Os nativos de Aratuípe são chamados aratuipenses.

Simões (2016) elabora um esquema (Figura 3), a partir de dados extraídos do IBGE, mostrando como se desenvolveu o processo de formação administrativa do município de Aratuípe na Bahia, o distrito Maragogipinho.

---

<sup>10</sup> Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-BA)

<sup>11</sup> Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB)

<sup>12</sup> IBGE/CIDADES, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/aratuipe/historico>. Acesso em: 12/02/2018c.

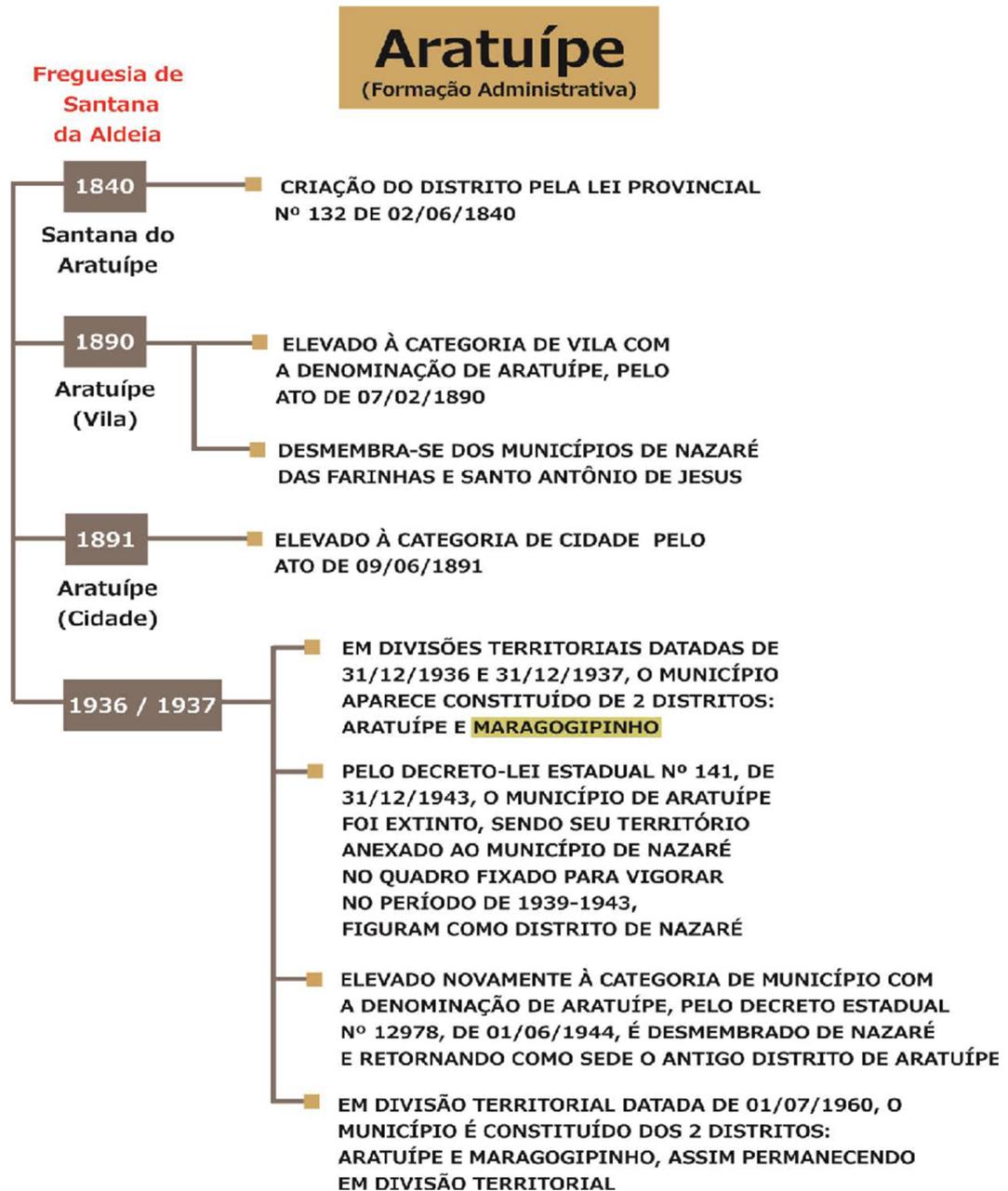


Figura 3 – Formação Administrativa de Aratuípe-Ba/Maragogipinho.

Fonte: Esquema desenvolvido por Iaçanã Costa Simões com base em dados encontrados em documento da biblioteca digital do IBGE (<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/aratuipe.pdf>) (SIMÕES, 2016, p.41).

Simões (2016), mencionando registros anteriores à sua formação administrativa, informa que “O distrito de Maragogipinho já aparece citado nos registros históricos do século XVIII apesar de sua formação administrativa ser encontrada entre os anos de 1936 e 1937” (SIMÕES, 2016, p.44). Faz menção ao historiador Carlos J. da Costa Pereira, constatando o quanto a produção ceramista, mesmo que modesta, esteve inserida no contexto histórico do desenvolvimento da localidade. A partir de registros citados por Simões (2016), com base em Pereira (1957) sobre a fixação da comunidade de Maragogipinho como centro artesanal,

revela-se que desde o século XVIII a arte em cerâmica a classificava como viés para o desenvolvimento local:

Acreditamos ser mesmo bem antiga a atividade oleira no lugar. As referências feitas pelos cronistas do século XVIII lhe dão o sentido de coisa constituída, já suficientemente divulgada, afastando qualquer hipótese de um centro artesanal recente ou duma comunidade onde se havia um ofício tradicional. Durval Vieira de Aguiar, por exemplo, em 1888, classificava-a como industriosa povoação cheia de olaria. Diz ele: “Descendo o rio desde Nazaré, encontra-se à direita o canal que conduz ao Rio D’Aldeia, e antes a industriosa povoação de Maragogipinho, cheia de olarias, onde se fabricam as melhores vasilhas de barro de nosso mercado, como sejam: potes, talhas, bilhas, moringas, quartinhas, copos, panelas, caborés, etc., especialmente as talhas de encomenda, pintadas e esculpidas, que são verdadeiros primores de arte. Escusa dizer que esse vasilhame, não vidrado, nos faculta as melhores resfriadeiras até hoje conhecidas”. (PEREIRA, 1957, p. 58 apud SIMÕES, 2016, p. 44).

Neste contexto, nota-se que a cultura dos povos antigos, habitantes daquele território da região do Recôncavo da Bahia, originou sua identidade e trouxe convicções de superação das várias gerações, isso em prol da preservação dos costumes, crenças e tradições do seu povo, fortalecendo inclusive o seu desenvolvimento. Não há dúvidas quanto à relevância de pesquisar os primórdios desta localidade, sobretudo, entender que seu maior patrimônio é sua identidade. Neste sentido, Alvares (2016) dá forma a este entendimento, ao discorrer quão grande é o significado de representação social dos povos, no decorrer do tempo.

No processo de colonização do Brasil, a representação social e a visão do mundo do indígena, do africano, do português e, na sequência, do mestiço, vão aparecer significativamente na produção simbólica no decorrer dos séculos seguintes. Na cerâmica de Maragogipinho, as formas e os temas pintados remetem explicitamente a mestiçagem do povo brasileiro (ALVARES, 2016, p. 87).

Para mais, o artesanato ceramista de Maragogipinho, desde seus primórdios traz em seu formato diversas transformações, a comparar do modo que são confeccionadas suas peças e suas diferentes formas e pinturas que encantam por sua beleza, assim, como se estivesse sendo modelado, a atividade ceramista é retratada por autores de obras consagradas, que apontam relatos de recortes atemporais da forte e expressiva atividade oleira na região, externando, tanto a produção ceramista, quanto a expressão de arte, que, mesmo sofrida na trajetória ao longo de sua história, carrega a mesma essência e características dos seus antepassados, agregada a valores simbólicos e imateriais, mantendo-os vivos na contemporaneidade. Isso nos remete a considerar que a “história de Maragogipinho-Ba” e sua cerâmica tiveram grande importância no povoamento e desenvolvimento da região Recôncavo da Bahia. (COIMBRA, 1980; FERREIRA, 1893; PEREIRA, 1957 apud ALVARES, 2016).

### 3.4 CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO

O artesanato está presente nas diversas manifestações culturais em todas as regiões brasileiras, cada qual com a sua particularidade. No Brasil, as mudanças econômicas, sociais e tecnológicas revelam uma sociedade contemporânea determinante nas formas de trabalho e no modo de vida, tanto dos indivíduos quanto no papel do Estado. Neste sentido, o desempenho de mediador que o Estado detém não pode ser ignorado, em um panorama de transformações, quando se trata da cultura e, em especial, do artesanato. No entanto, o interessante é favorecer através das políticas públicas – na esfera federal destaca-se o PAB<sup>13</sup> –, configurações e condições estruturais aos artesãos e seus produtos, como a concorrência de forma integral e igualitária.

Apesar de alguns estudos já se dedicarem a analisar os resultados socioeconômicos de políticas públicas voltadas ao artesanato, ainda são escassos os trabalhos que analisam especificamente o processo de implementação de políticas públicas voltadas ao artesanato. A etapa de implementação de políticas públicas, por se tratar de uma etapa crucial para o sucesso ou fracasso de um programa governamental, precisa ser devidamente analisada porque, muitas vezes, os resultados de determinadas políticas diferem daqueles projetados na fase de formulação de políticas [...]. (SOBRINHO; HELAL, 2014, p. 2).

Partindo da conjectura descrita acima, analisando-se o mundo do trabalho na contemporaneidade, em que se percebe a impossibilidades do tão sonhado emprego formal para muitos (sobretudo para aqueles sem qualificação), é imprescindível refletir as alternativas de inclusão da população economicamente ativa e, de forma objetiva, dos artesãos e artesãs de Maragogipinho/BA. Além de ser um instrumento no qual as comunidades expressam seus valores e cultura, o artesanato também se constitui enquanto uma importante fonte de renda, principalmente porque, cada vez mais, a qualidade dos produtos atrai mais consumidores.

É notório o desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas em relação ao crescimento da renda e da riqueza no segmento do artesanato, mas ainda não é o ideal para muitos. Segundo o Sistema de Proteção ao Artesanato (SIPROAR)<sup>14</sup>, cerca de 80% da população estão envolvidos na cadeia produtiva do artesanato em Maragogipinho/BA, onde todos os meses são produzidos milhares de peças utilitárias e de decoração, que além de

---

<sup>13</sup> O Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) — foi instituído com a finalidade de coordenar e desenvolver atividades que visam valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem como, desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal, no entendimento de que artesanato é empreendedorismo. Disponível em: <http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>, acesso em: 09/05/2018.

<sup>14</sup> Sistema de Proteção ao Artesanato (SIPROAR). Maragogipinho/BA, 2008. Disponível em: <http://siproarandreasalesdesigner.blogspot.com.br/p/artesanato-de-maragogipinhoba.html>. Acesso em: 11/05/2018.

serem fornecidas para restaurantes, hotéis e pousadas, movimentam o turismo local. (SIPROAR, 2008).

Por mais que a cultura artística tradicional do barro pareça promissora, se precisa de mais investimentos para que esses artesãos possam, de fato, sobreviver da arte. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a diversidade cultural e territorial das 27 unidades da Federação e dos 5.570 municípios brasileiros traz dados relativos às atividades artísticas e artesanais, nas suas mais diversas manifestações, reporta a Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais, no livro “Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: cultura 2014”:

De acordo com as informações do Suplemento de Cultura da Munic 2014, 5.260 (94,5%) municípios tinham alguma estrutura organizacional para tratar da cultura. Do total, 308 (5,5%) municípios não tinham nenhuma estrutura institucional dedicada à política cultural. Em 2014, em 3.014 municípios, a cultura era parte de uma secretaria em conjunto com outras políticas, em sua maioria responsável também pela educação, turismo, lazer e esporte. Em 220 municípios a cultura era vinculada diretamente à chefia do Executivo. Eram, em 2014, 1.073 municípios com secretaria exclusiva para a política cultural e 119 com órgão da administração indireta, como fundações públicas. Em comparação com a primeira ocasião em que a Munic investigou o Suplemento de Cultura, no ano de 2006, houve um declínio no percentual de municípios brasileiros que responderam possuir alguma estrutura em 2014, passando de 97,5% (5.426) para 94,5% (5.260), respectivamente. Fato este já apontado nos anos de 2009 e 2012, quando a Munic levou a campo bloco temático de cultura. Esse declínio se verificou em quase todas as classes de tamanho da população e em todas as Grandes Regiões. Com relação ao ano de 2014, apesar do declínio no percentual de municípios com estrutura na área de cultura, nos municípios com 50.001 a 100.000 habitantes e nos com mais de 500.000 habitantes, o percentual se manteve estável em relação ao ano de 2006. Apesar do decréscimo no número de municípios com estrutura organizacional para tratar da política cultural, dentre os municípios com órgão gestor de cultura, percebe-se maior especialização dessas estruturas em 2014, em comparação com 2006. (IBGE, 2015, p. 28).

A produção da cerâmica folclórica sobrevive tanto pela riqueza das peças, quanto pela procura das mesmas pelos turistas. Os indivíduos que vivem do artesanato em condições economicamente incertas, para continuarem sobrevivendo do instrumento artístico vêm na expansão do plástico<sup>15</sup> a necessidade de um investimento mais significativo por parte do Estado na tradição do artesanato em barro, que ocupa um lugar relevante na cultura material e imaterial do Recôncavo baiano. Não apenas pelo lado financeiro, mas uma promoção maior nas variadas manifestações, além do reconhecimento da história construída através do artesanato nativo, resultará em incentivo à preservação das culturas locais historicamente construídas, assim como uma divulgação mais significativa e a formação do empreendedorismo através das organizações/gestão. Segundo informações da Revista UOL

---

<sup>15</sup> Possuem uma maior durabilidade.

Viagem (2008),

A Feira de Caxixís [em Nazaré das Farinhas] é a principal vitrine das peças produzidas pelos oleiros de Maragogipinho. De acordo com informações da Secretaria de Turismo do município, cerca de 90 mil pessoas visitam os boxes da exposição e os imóveis do século XVIII durante os quatro dias de realização do evento. No total, 250 expositores que participaram da feira. Entre os itens mais caros à venda na Feira de Caxixís estão as imagens sacras, produzidas pelos santeiros de Maragogipinho. Uma imagem vendida a preço significativo, por exemplo, é a réplica do Cristo que fica na saída da cidade, vendida pelos oleiros a R\$ 600. Já a escultura de São Francisco de Assis, que mede 1,70 m, chega a custar R\$ 2 mil, sem direito a pechincha. (UOL Viagem, 2008)<sup>16</sup>.

O trabalho dos artesãos é informal desde outrora<sup>17</sup> e não consegue suprir as necessidades básicas dos artistas, pois muitas peças nem atingem o valor de R\$ 0,50 (cinquenta centavos) nas mãos dos oleiros. Entretanto, compreende-se no papel do Estado uma mudança ao atuar como agente planejador e fomentador das atividades culturais, contribuindo para o desenvolvimento econômico local, incentivando os jovens e, assim, possibilitando a continuidade do *fazer cerâmica* (grifo nosso). Apesar de destacar a importância da tradição familiar, pode-se destacar que a formação e o rendimento dos trabalhadores envolvem uma conjunção de fatores que devem ser assistidos pelo Estado.

Como já abordado, o artesanato se constitui na principal atividade econômica de Maragogipinho e única fonte de renda para a maioria da população. É interessante perceber, que essa atividade vem contribuindo para o surgimento de outro tipo de atividade econômica no local, o turismo. A cultura “pode gerar renda por meio do turismo, artesanato e outros fenômenos culturais, o que acaba contribuindo para as potencialidades culturais e ambientais, além de valorização da identidade do povo” (YÚDICE, 2004, p. 31 apud SOUZA; SOUZA, 2010, p. 4). A cultura “constitui elemento vital não apenas para alicerçar alternativas econômicas e sociais, mas, especialmente, para a manutenção da memória de um povo” (BARRETTO, 2003, p. 43 apud SOUZA, 2010, p. 3).

Nesse contexto, o desenvolvimento local tem por estratégia de indução aspectos como educação, saúde e direitos, que devem ser priorizados. Dessa forma, além de proporcionar aumento na produção e na renda, o desenvolvimento propiciará acesso à saúde, trabalho, saneamento básico, oportunidade de moradia melhor, dentre outros. É um tipo de investimento que envolve aspectos sociais, culturais e políticos. Tudo isso como forma de promover o dinamismo econômico e melhorar a qualidade de vida da população, gerando uma

---

<sup>16</sup> Revista UOL/ VIAGEM Disponível em: <https://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/04/24/ult4466u240.jhtm>. Acesso em: 15/05/2018b.

<sup>17</sup> Maragogipinho foi importante para o processo de retenção do açúcar. Os senhores de engenho compravam muitos produtos de cerâmica, em especial os potes, que possibilitavam uma grande acumulação de produto.

importante mudança nas bases econômicas e na organização social, em nível local.

Melhorias no desenvolvimento dizem respeito, conseqüentemente, a melhorias das condições de vida das pessoas e das famílias. Aspectos como a história e a cultura, assim como o modo de vida e os recursos endógenos (a exemplo de elementos geográficos, invenções, arte...), surgem como formas de valorização de um povo e como motivadores do desenvolvimento local. Para que o artesanato se firme, enquanto caminho para o desenvolvimento, é importante uma maior intervenção do poder público, no sentido de incentivar as práticas culturais artesanais e prover condições para os profissionais em questão. É necessário, também, a melhoria de infraestrutura básica que dê condições para a produção artesanal, assim como o fortalecimento da autoestima dos artesãos e oleiros, criação de novas lideranças, parceria com agentes sociais (a exemplo da Associação de Auxílio Mútuo de Maragogipinho – AAMOM). O crescimento pessoal e profissional dos indivíduos envolvidos com o artesanato e a valorização desse trabalho contribuem para fortalecer a tradição da produção de cerâmica na região, estimulando, assim, seu desenvolvimento (SOUZA, 2010).

Dessa forma, o desenvolvimento alcançado tornará possível a redução das desigualdades sociais, a partir do momento em que a preservação da arte e sua comercialização proporcionem melhores oportunidades à população/comunidade e, ainda, divulgue e resguarde suas tradições culturais. Na perspectiva do desenvolvimento e funcionamento do sistema produtivo, o território passa a ser visto enquanto agente transformador, pela interação entre cultura e economia locais, que se organizam formando um território criativo, em que o artesanato é o protagonista.

## 4. MARAGOGIPINHO COMO “TERRITÓRIO CRIATIVO”

### 4.1 O ARTESANATO E O DESENVOLVIMENTO EM MARAGOGIPINHO – BA

Maragogipinho, segundo o Sistema de Proteção ao Artesanato, possuía mais de 100 olarias às margens do Rio Jaguaripe que fabricavam cotidianamente cerâmica utilitária e decorativa, o que demonstra sua importância e força, pois trata-se de uma tradição secular e atua como principal fonte de renda da comunidade (SIPROAR, 2008). Atualmente, a atividade encontra-se restrita aos mestres artesãos, tendo o número de olarias reduzido pela falta de interesse dos jovens em aprender a arte dos seus antepassados, devido aos preços baixos das peças comercializadas, e ao grande esforço requerido para a produção ceramista. Apesar disso, o distrito envaidece pelo reconhecimento atribuído a sua principal atividade.

Classificados entre os finalistas ao Prêmio UNESCO de Artesanato para a América Latina e Caribe, em 2004, as olarias de Maragogipinho e seus mestres passaram a ter o reconhecimento de seu trabalho, inclusive com Menção Honrosa de “Maior Centro Cerâmico da América Latina”. Vários compradores de cerâmica são comerciantes da feira de São Joaquim, outros são turistas, advindos de Salvador, de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e até de outros países, além do Instituto Mauá, grande comprador de peças produzidas com tauá e tabatinga (LEÃO, 2012).

É interessante destacar que, por várias gerações, as famílias de Maragogipinho vêm se sustentando através da fabricação das peças de cerâmica, que é um trabalho que vem sendo aperfeiçoado ao longo dos anos. Dessa forma, esse trabalho propiciou o surgimento de linhagens de mestres oleiros que se sucederam e transmitiram conhecimentos e técnicas por gerações, como forma de manter a tradição.

O processo artesanal realizado na localidade ainda se utiliza das ferramentas e características do início da atividade na região, mas sempre com formatos e tamanhos ricamente trabalhados, podendo ser esculturas, objetos de decoração, pratos, tigelas, jarros, dentre outros. Essas peças de cerâmica passaram a ser vendidas na cidade vizinha, iniciando uma tradição em Nazaré das Farinhas – a Feira dos Caxixís, além de ser parte também da Feira de São Joaquim, em Salvador. Foi e ainda é um sucesso de vendas, algo que, inclusive, vem acompanhando o crescimento de mercado, mesmo conservando suas raízes (REZENDE, SILVA, DANIEL, 2017, p. 55).

Trata-se de uma comunidade que tem constante interesse em aprender. O Sebrae já realizou uma série de palestras na comunidade, abordando temas como vendas e

empreendedorismo, além de precificação e produção. O objetivo dos idealizadores da ação foi propiciar aos artesãos o contato com valores de compra dos produtos, desde sua matéria-prima, até o momento de estipular os preços para aumentar a lucratividade. A intenção foi de fazer com que a população reconheça o valor cultural associado às cerâmicas, com o intuito de fazer com que as características locais não se percam, contribuindo, assim, para o avanço dos profissionais no dia a dia (MERCÊS, 2015). Novas informações sobre gestão e finanças, nesse contexto, são de extrema importância para o empreendimento local, sendo uma oportunidade de fortalecer e fomentar o desenvolvimento dos pequenos negócios na região.

Tudo isso acaba estimulando o desenvolvimento econômico e social e a manutenção das tradições e culturas das comunidades envolvidas, gerando, inclusive, visibilidade e reconhecimento até mesmo fora do Recôncavo da Bahia. São formas de preservar a integridade das comunidades e culturas locais, tornando-se ferramentas para promoção de desenvolvimento sustentável. (CARDIERI, 2013).

#### 4.2 INDICAÇÃO GEOGRÁFICA E O DESENVOLVIMENTO EM MARAGOGIPINHO – BA

A diversidade cultural e produtiva de Maragogipinho, destacadas em seus vários segmentos, tem como principal atividade a produção ceramista artesanal, que faz deste local um grande e promissor mercado presente com vasta gama de ofertas em termos de negócios, em especial a comercialização de suas ricas peças de barro. Essa comercialização associada aos diversos serviços em seu entorno, se diferencia de outras localidades na região devido à origem e qualidade dos produtos ali manufaturados, inserindo-a no mercado crescente da competitividade, que estabelece uma distinção em produtos e serviços com características peculiares, podendo proporcionar a estes o reconhecimento necessário para se destacar nos mercados dinâmicos e de alta concorrência, incorporados a fatores relevantes da cultura da região, bem como, à geografia que, além da matéria-prima para fabricação dos artefatos cerâmicos, por outro lado, deslumbra com suas paisagens de singular atributo.

Diante deste potencial, esta região apresenta produtos e serviços, cujas qualidades e peculiaridades podem ser atribuídas à sua origem, suscitada por um processo de valorização através da designação geográfica de procedência. Sendo assim, e conforme supracitado, o distrito de Maragogipinho, no município de Aratuípe-Ba, encontra como via de desenvolvimento territorial a possibilidade de viabilizar-se como Indicação Geográfica (IG). A partir disso será possível fornecer ao artesanato local a validação da qualidade e

notoriedade/originalidade dessas mercadorias que, associadas ao contexto em que se inserem, atuam como propulsores de seu desenvolvimento. Trata-se, portanto, de um produto singular geográfico-histórico e que ao longo do tempo conquistou uma certa notoriedade, como o artesanato do Maragogipinho (REIS, 2016; CALDAS; ARAÚJO; COURY, 2017).

Neste contexto, referenciar um território como Indicação Geográfica remete a se reconhecer aspectos associados à qualidade natural decorrente do meio geográfico, bem como, à magnitude da origem e qualidade dos produtos ou serviços adquiridos ao longo do tempo, fatores relevantes para o conhecimento e confiança dos consumidores que venham adquirir estes produtos ou serviços.

Assim, os produtos apresentam qualidade advinda de seu local de produção, sendo influenciados, portanto, por fatores geográficos locais determinados, tais como o clima, o solo e o sol (REIS, 2016). Diante desta afirmação, pode-se perceber a influência desses fatores geográficos no trabalho dos mestres artesãos e no desenvolvimento da produção ceramista no distrito de Maragogipinho, ao demonstrar através da cultura de várias gerações o domínio do conhecimento, desde a extração do barro até a fabricação das peças de cerâmica, principais produtos do artesanato na região. Em evidência, a autora em questão, Dra. Livia Liberato Matos Reis, na defesa de seu doutorado intitulado “Indicação Geográfica no Brasil: determinantes, limites e possibilidades”, georreferencia<sup>18</sup> uma Indicação Geográfica explicitando que [...] “a área de abrangência de uma IG é sempre delimitada fisicamente, com base nas coordenadas, na área total ou parcial do ‘país, cidade, região ou localidade de seu território” (REIS, 2016, p. 21).

Na mesma obra, a autora menciona as características e os conceitos de Indicação Geográfica contemplados na literatura e registros bibliográficos de diversos autores renomados, identificando as mais variadas interpretações, isto dependendo de cada país, região e território, bem como, do processo produtivo ou até mesmo dos serviços prestados. Assim, em sua pesquisa, a autora enfatiza a Indicação Geográfica como um tipo de propriedade intelectual, explanando que, no Brasil:

[...] a IG é uma das modalidades de propriedade intelectual, que o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) registra sob a designação de Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO). Trata-se de dois registros paralelos, à escolha dos produtores ou prestadores de serviços que planejam buscar proteção para seus produtos comercializáveis (*tradable commodities*), serviços (*non-tradable commodities*), processos produtivos (saber-fazer), e territórios, desde que sejam atendidos os requisitos da lei e de sua regulamentação. (REIS, 2016, p. 16).

---

<sup>18</sup> **Georreferenciar** é uma técnica cuja finalidade é atribuir certas coordenadas geográficas a pontos do espaço geográfico. Disponível em: <https://conceitos.com/georreferenciamento/>. Acesso em: 03/01/2019.

Em continuidade, a autora retrata uma definição das IGs que, segundo a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), pode ser aplicada em uma grande variedade de produtos identificados, inclusive através de um selo:

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) define IG como um signo aplicado em produtos que têm uma origem geográfica definida com precisão – um território demarcado pode-se dizer. Para ter um selo, o produto deve revelar qualidade ou notoriedade adquirida ao longo do tempo, no seu local de origem. Na maior parte dos casos, a IG consiste no nome do lugar de origem do produto. Em geral, os produtos agrícolas apresentam qualidade decorrente do seu lugar de produção, e são influenciados por fatores geográficos locais determinados, tais como o solo, o clima e o sol. Todavia, para que um selo funcione como uma IG é preciso que a legislação nacional de cada país-membro contenha as disposições concernentes e também que os consumidores tenham conhecimento da qualidade enunciada e confiem no selo. (REIS, 2016, p. 16).

Sendo assim, a divulgação do artesanato a nível nacional e, até mesmo internacional, e sua conseqüente valorização, poderá favorecer a comercialização desse artesanato que se apropriou de um saber-fazer tradicional carregado de cultura e história, favorecendo também o desenvolvimento local. A Indicação Geográfica, nesse caso, aparece como uma ferramenta de combate aos impactos ao meio ambiente, assim como forma de combate à utilização de matérias-primas de forma ilegal e conseqüente apropriação de um produto de valor imaterial. Portanto, a Indicação Geográfica é muito importante para promover o desenvolvimento local com sustentabilidade ao propiciar aos produtores artesãos e mestres oleiros a exclusividade e o uso controlado de suas matérias-primas, assim como a diferenciação dos produtos e sua conseqüente valorização (REIS, 2016).

Ante estas circunstâncias, nota-se a importância que os chefes de nações, estados, municípios e representantes legais das comunidades em geral têm neste tipo de ação, e que estes, ao apresentarem seus projetos, têm em vista propósitos positivos para que os espaços físicos ofereçam subsídios que contribuam direta e indiretamente para realização das mais variadas atividades (tradição de produção, extração, transformação ou fabricação de produtos) com o objetivo operacional do desenvolvimento territorial e a viabilização de diversos tipos de serviços (comércio, turismo, etc.).

O que se observa é que a via de desenvolvimento territorial pode propiciar um crescimento econômico ao mesmo tempo em que fornece subsídios para o desenvolvimento social e a preservação ambiental de um lugar. Uma das ferramentas para dar suporte ao processo de desenvolvimento local consiste nas Indicações Geográficas (IGs), que são uma forma de identificação que assegura a qualidade de determinado produto elaborado em um território, região ou localidade, com características específicas, homogêneas e bem

delimitadas, e que visa garantir sua procedência e dar certa representatividade e visibilidade ao produto em questão (CALDAS; ARAÚJO; COURY, 2017).

As Indicações Geográficas estimulam, ainda, o desenvolvimento local, no que se refere às tradições e costumes, assim como propiciam o crescimento econômico e o desenvolvimento social no espaço em que se inserem. A sustentabilidade permeia a rotina de hábitos, costumes e tradições, assim como o modo de fazer e as peculiaridades locais. Maragogipinho, por sua vez, transformou seus hábitos e tradições em um negócio que se constitui fonte de renda para boa parte da população, o que também ajuda na manutenção de suas tradições e cultura, a partir do momento em que se aperfeiçoam as novas tecnologias, mantendo, ao mesmo tempo, suas raízes vivas em sua produção artesanal.

Essa forma de reconhecimento possui, dentre outros aspectos, o elemento do saber-fazer, associado às técnicas transmitidas entre as gerações para a produção artesanal, por meio das tradições locais, assim como as características peculiares do ambiente, a exemplo do clima e das características sazonais, em que os produtos são melhor desenvolvidos. Sendo assim, é possível estabelecer o reconhecimento, a confiança, uniformização do produto, competitividade, aumento da autoestima do produtor e a possibilidade do território fazer parte da competitividade do mundo dos negócios, exigindo, dessa forma, o comprometimento do produtor com a qualidade e o sentimento de confiança do consumidor em relação à procedência do produto (CALDAS; ARAÚJO; COURY, 2017).

Ocorre uma articulação entre os territórios e práticas locais com a economia global, mostrando, assim, uma necessidade de se estabelecer conexões e laços para criação de uma personalidade regional que registre seu valor e suas particularidades diante do mercado (BENKO; PECQUEUR, 2001 apud CALDAS; ARAÚJO; COURY, 2017, p 98). Diante disso, pode-se perceber que a Indicação Geográfica é um instrumento utilizado para proteger um patrimônio imaterial, ambiental e social, a exemplo do artesanato do Maragogipinho. Essa é uma estratégia que poderá atrair políticas públicas específicas e investimentos na região, havendo desenvolvimento não somente pela preservação da tradição e cultura, mas, também, pelo crescimento do turismo e a geração de emprego e renda na região. Pode-se concluir que a cerâmica se constitui uma expressão cultural e artística de suma importância como instrumento estratégico de desenvolvimento, seja ele econômico, cultural ou social.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado inicialmente, estudou-se, a partir da revisão de literatura, a importância do artesanato para a identidade de Maragogipinho-Ba, que se constitui um território criativo que se destaca pela produção ceramista dos oleiros, mestres artesãos e sua comunidade, inserida o tempo todo nesse processo.

Além de delimitar e caracterizar o local de estudo e sua importância no contexto em que se insere, outro aspecto importante desta pesquisa se referiu à preocupação em abordar conceitos relacionados ao artesanato da região em questão, assim como à ideia de desenvolvimento, seja ele territorial, econômico ou social, mas, fundamentalmente, tratou-se do potencial de crescimento do artesanato em favor do desenvolvimento da região estudada.

Tornou-se possível inferir, a partir do percurso histórico analisado, que o artesanato funcionou, em certa medida, como fator de formação e caracterização de Maragogipinho-Ba como um território criativo, ou como um cluster criativo do município de Aratuípe, porém, sem alcançar uma efetiva mudança estrutural que propiciasse elevação do patamar econômico e melhora da condição social da população envolvida, embora detenha, ainda, um relevante potencial para avançar em tal direção.

Trata-se, portanto, de um contexto propício ao desenvolvimento advindo da produção e comercialização da cerâmica de Maragogipinho, assim como do turismo a ela associado, com valorização do artesanato local e do patrimônio revelado, podendo atingir um potencial de desenvolvimento sustentável que respeite as tradições locais, na possibilidade de se consolidar como uma Indicação Geográfica, como forma de valorização cultural, econômica, turística e social, assim como da própria qualidade de vida da comunidade local.

Ademais, ressalta-se a necessidade de aprofundar as pesquisas acerca da cultura da cerâmica, do artesanato, principalmente no que se refere ao desenvolvimento cultural e socioeconômico associado ao artesanato no território de Maragogipinho e, mais especificamente, sobre a atividade dos oleiros e artesãos, de suma importância para a evolução observada. Vale ressaltar, também, o saber popular implícito em todo esse processo cultural, nas formas de criação das peças, nos diferentes tipos de argila, bem como coleta do barro no solo e preparação da massa, assim como na transmissão do conhecimento ao longo das gerações e a conseqüente possibilidade de manter vivas as tradições.

É essencial destacar-se ainda, que toda essa evolução e desenvolvimento citados se constituem como formas de fomentar a promoção de um patrimônio geográfico e cultural que incentiva o desenvolvimento de outras atividades econômicas locais e a valorização do

turismo, o que pode permitir a exploração de novos meios de comercialização.

Apesar de a cultura artística artesanal de Maragogipinho parecer promissora, são necessários mais investimentos para que esses artesãos possam realmente sobreviver e sustentar suas famílias. A exemplo do que é realizado de maneira habitual pelo Sebrae na Região, é importante desenvolver mais estratégias que envolvam a comunidade local e que estejam voltadas ao processo de valorização da cultura local, associado ao ensino de novas técnicas e formas tecnológicas de trabalhar, assim como ao ensino de habilidades essenciais no mundo dos negócios.

Trata-se, portanto, da valorização por meio de incentivos intelectuais e financeiros, para que os artesãos possuam mais oportunidades de ampliar o progresso local. Tudo isso precisa da criação de políticas de desenvolvimento que integrem intervenção e investimento público, privado e de parceiros locais que se interessem e queiram incentivar as práticas artesanais e contribuir para a manutenção das tradições e para o desenvolvimento local/regional.

Dessa forma, o desenvolvimento poderá ser alcançado e possibilitar a redução das desigualdades sociais, a partir do momento em que a preservação da arte e sua comercialização proporcionem melhores oportunidades à população/comunidade e ainda resguarde suas tradições culturais.

Em suma, o artesanato local constitui uma forma de economia criativa, que possui valor simbólico e econômico, e que aparece como fonte propulsora do processo de formação de um território criativo que se desenvolve através da adoção de estratégias de manutenção das tradições e da adaptação aos novos desafios advindos de uma dinâmica globalizada e competitiva. Dessa forma, percebe-se o artesanato em Maragogipinho como fator essencial para o desenvolvimento social, econômico, cultural e turístico dessa região, apontando para os segmentos das tradições culturais, crenças, costumes e para a descoberta de novos talentos, com ênfase na criatividade e na inovação, consolidando a localidade como um território criativo, ou um cluster criativo do município de Aratuípe.

No entanto, localidades pobres com pessoas de pouco poder econômico são comuns na região, com seus casarios singelos e poucas ruas e vielas, que ao mesmo tempo que encantam com sua simplicidade trazem uma visão da dura realidade do local. Com infraestrutura precária: saneamento; acesso à saúde; educação; e outros serviços de base, que se fundem às dificuldades do cotidiano dos moradores dessas localidades, constituindo, também, aspectos que contribuem para a não inclusão desses cidadãos em um processo de desenvolvimento socioeconômico.

Além dessas dificuldades, muitas famílias enfrentam o problema do desemprego e a falta de interesse dos jovens em aprender algumas profissões ou atividades desenvolvidas pelos seus pais, mestres detentores de saberes tradicionais da cultura dos seus antepassados, como no caso do distrito de Maragogipinho-Ba, no qual o principal meio de sobrevivência é a produção ceramista e a cultura do artesanato, que traz consigo grande parcela das dificuldades decorrentes de práticas que relacionam aspectos de natureza econômica e social. O novo tentando impor-se em toda parte, porém sem alcançar êxito completo, por ser dependente; o velho, de produção tradicional, procurando afirmar-se e manter estáveis as suas condições limitadas de produção e as estruturas físicas de ocupação dos espaços.

Apesar da perseverança dos mais velhos em semear seus saberes, mantendo viva a identidade dos antepassados, os jovens identificam-se com outros tipos de atividades, menos complexas, na perspectiva de obter recursos imediatos e aumento de renda, muitas vezes migrando para os grandes centros na busca por melhores condições de vida. É interessante observar que, sem exceção, os mestres carregam um discurso de amor ao ofício, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas e narradas sobre suas trajetórias (SIMÕES, 2016).

Portanto, com base nessas percepções, espera-se que este trabalho possa estimular mais estudos sobre o desenvolvimento de localidades deprimidas econômica e socialmente, a exemplo do distrito de Maragogipinho em Aratuípe, na Bahia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARES, Sonia C. **Maragogipinho - as vozes do barro: práxis educativas em culturas populares**. 2015. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2015.
- BARBOSA, André G. de A. **Arranjos Sócios Produtivos Locais e Desenvolvimento: Estudo de caso das pequenas empresas oleiras de Maragogipinho/BA**. 2003. Dissertação (Mestrado Profissional de Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BRANDÃO, Pamela de M.; SILVA, Francisco R. M. da; FISCHER, Tânia. Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis. **Tourism & Management Studies**, v. 1, p. 199-202, 2013.
- CAIADO, A. S. C. (Coord.). **Economia Criativa na cidade de São Paulo: Diagnóstico e Potencialidade**. São Paulo: FUNDAP, 2011.
- CALDAS, A.S.; ARAÚJO, C.C.; COURY, R.L.M. As indicações geográficas como estratégia de desenvolvimento territorial: desafios e potencialidades no distrito de Maragogipinho, Aratuípe, BA. **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE - Ano XIX – V. 3 - N. 38 - Dezembro de 2017 - Salvador, BA – p. 81 – 108**.
- CARDIERI, M.I.N. **Impactos da indicação geográfica na sustentabilidade regional: estudo de caso na região de Salinas**. 2013. Dissertação (Mestrado Profissional em Engenharia Ambiental) – Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- CLOSS, Lisiane Q. Das Cidades aos Territórios Criativos: um debate a partir das contribuições de Milton Santos. In: **Anais do XXXVIII Encontro da Anpad**. Rio de Janeiro, RJ, v. 13, set. 2014. p.1-15.
- COIMBRA, S. R., MARTINS, F. & DUARTE, M. L. O reinado da lua: escultores populares do nordeste. Rio de Janeiro: **Salamandra**, 1980. p. 131.
- CUNHA, Celso A. da S. A cerâmica popular baiana: suas origens e principais influências. In: **Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 580-591.
- FERREIRA, José Carlos. Memórias sobre o estado da Bahia. **Bahia**: [s.n.], p. 516, 1893.
- IBGE. **Perfil dos estados e municípios brasileiros: cultura 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- LEÃO. C. **Maragogipinho: arte, cultura e tradição**. 2012. Disponível em: <http://procrisleao.blogspot.com.br/2012/06/de-maragogipinho-praca-de-maragogipinho.html>. Acesso em: 17/05/2018.

LEITÃO, Cláudia S. Economia criativa e desenvolvimento. **Revista Será?**, 29/07/2015. Disponível em: <http://revistasera.ne10.uol.com.br/economia-criativa-e-desenvolvimento-claudia-leitao/> Acesso em: 05/06/2017.

LEITÃO, Cláudia S. et al. “Nordeste Criativo” e desenvolvimento regional: esboço de uma metodologia para o fomento da economia criativa no nordeste brasileiro. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 170-182, 2010.

LÓSSIO, Rúbia A. R.; PEREIRA, Cesar de M. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. In: **Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador-Bahia, p. 1-10, 23 a 25/05/2007.

MARTINS, Petrônio G.; LAUGENI, Fernando P. **Administração da Produção**. São Paulo: Saraiva, 1998.

MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política: Livro 1 - O Processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1975.

MERCÊS, V. **Oleiros de Maragogipinho são orientados sobre como aprimorar as vendas**. Agência Sebrae de Notícias. 2015. Disponível em: <http://www.ba.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/BA/oleiros-de-maragogipinho-saoorientados-sobre-como-aprimorar-as-vendas,2fa05c2c44d3c410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em 17/05/2018.

NASCIMENTO, Luísa M. A. L. do. O saber-fazer na maestria artesanal: análise dos mestres ceramistas da Bahia. **Equatorial**, v. 2, n. 2, p. 43-70, 2015.

NASCIMENTO, Luísa M. A. L. do. Saberes e fazeres na construção social da maestria: Um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. **Revista Inter-legere**, n. 10, p. 81-100, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4213/3449>. Acesso em: 01/09/2017.

NASCIMENTO, Luísa M. A. L. do. **A construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia**. 2011. Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2011.

OLIVEIRA, C. D. **As relações artesanais e o estímulo ao desenvolvimento local no Brasil, em Gouveia-MG e outras diferentes escalas**. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia da UFMG. Belo Horizonte, 2007.

PEREIRA, C. J. da C. **Artesanato: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato**. Brasília: MTB, 1979.

REIS, Ana C. F. (Org.). **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultura, 2008.

REIS, Livia Liberato de Matos. **Indicação Geográfica no Brasil: determinantes, limites e possibilidades**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Geociência da Universidade Federal da Bahia. 2016.

REZENDE, Adriano Alves de; SILVA, Marcelo dos Santos da; DANIEL, Lindomar Pegorini. Indicação Geográfica: uma via para o crescimento econômico para Nazaré das Farinhas e Maragogipinho, Bahia. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v.38, n.132, p.55-76, jan./jun. 2017.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. São Paulo, **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 4-16, 1978.

SANTOS, Thiago de S. [et al.]. O artesanato como elemento impulsionador no desenvolvimento local em municípios brasileiros. In: **Anais do VII Simpósio de Excelência de Gestão e Tecnologia**, p. 1-7, 2010.

SIMÕES, Iaçanã Costa. **A cerâmica tradicional de Maragogipinho**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

SOBRINHO, João M.; HELAL Diogo H. A Implementação de Políticas Públicas voltadas ao Artesanato: Análise do Programa de Artesanato da Paraíba. In: **Anais do XXXVIII Encontro da ENPAD**, Rio de Janeiro / RJ – p. 2-16, de 13 a 17/09/2014.

SOUZA, Chelly C. Turismo, Cultura e Desenvolvimento local no Distrito de Maragogipinho (BA). In: **VII Seminário da ANPTUR, 2010**. Ética: Produção e Difusão da Pesquisa em Turismo. São Paulo: Aleph, 2010.

SOUZA, C.C.; SOUZA, R.C.A. Cultura e Turismo como viés para o desenvolvimento do distrito de Maragogipinho (BA): uma contribuição da produção oleira artesanal. In: **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**. Semintur, Rio Grande do Sul, 2010.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

ALMG/Portal da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, Disponível em: <https://politicaspUBLICAS.almg.gov.br/index.html>, acesso em 09/05/2018.

Catálogo Empresarial, **Empresas do Brasil** Disponível em: <https://empresasdoBRASIL.com.br/assoc-de-auxilio-mutuo-dos-oleiros-de-maragogipinho-172517>, acesso em 22/12/2017.

**Conceitos.com**, Autor: Editorial Conceitos. Publicado: 18/04/2018. São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://conceitos.com/georreferenciamento/>, Acesso em: 03/01/2019.

Google.com. br/mapas, Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/-FzaT9O\\_Nq9c/Vkok6BfPgxI/AAAAAAAAAULs/wNXgQ13xcnI/s1600/mapa%2B1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-FzaT9O_Nq9c/Vkok6BfPgxI/AAAAAAAAAULs/wNXgQ13xcnI/s1600/mapa%2B1.jpg) Acesso em: 13/02/2018.

IBGE /BIBLIOTECA/MAPAS, Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/mapas/GEBIS%20-%20RJ/map10890.pdf> Acesso em: 12/02/2018b.

IBGE/CIDADES, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/aratuipe/panorama>  
Acesso em: 12/02/2018a.

IBGE/CIDADES, Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/aratuipe/historico>.  
Acesso em: 12/02/2018c.

**PAB** – Programa do Artesanato Brasileiro, Disponível em:  
<http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>. Acesso em: 09/05/2018.

Revista Online **Fecomerciosp/sescsp**. Disponível em:.  
[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6731\\_o+que+sao+os+clusters+criativos/](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6731_o+que+sao+os+clusters+criativos/) Acesso em 05/09/2017

Revista: **Oquefazernabahia.com** Disponível em:  
<http://oquefazernabahia.com/2017/03/01/feira-dos-caxixis-em-nazare-das-farinhas/> Acesso em: 04/07/2017.

Revista **UOL/ VIAGEM** Disponível em:  
<https://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/04/24/ult4466u240.jhtm> Acesso em: 17/08/2017.

**SIPROAR** - Sistema de Proteção ao Artesanato. Maragogipinho/BA, 2008. Disponível em:  
<http://siproarandreasalesdesigner.blogspot.com.br/p/artesanato-de-maragogipinhoba.html>.  
Acesso em: 11/05/2018.